

Departamento de Sociologia

Galdérias e Garanhões

O Duplo Padrão Sexual e a Construção do Género nas Práticas
Discursivas dos Jovens

Alexandre Vaz

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Sociologia

Orientador:
Doutor Pedro Vasconcelos, Professor Auxiliar,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2015

AGRADECIMENTOS

Representando inequivocamente esta dissertação o fim de um percurso que se iniciou há cinco anos atrás no primeiro ano da Licenciatura em Sociologia, torna-se impossível nomear todos os familiares, amigos, colegas e docentes que duma maneira ou de outra contribuíram de forma inequívoca para que não estejamos simplesmente a falar de um grau académico mas de uma etapa decisiva na vida deste escriba.

Resta-me portanto agradecer aos que diretamente contribuíram para tornar este trabalho possível. Para tal e em primeiro lugar é da mais elementar justiça que agradeça a todos os 59 voluntários que acederam a responder às nem sempre confortáveis questões que coloquei. Voluntários esses que não teria sido possível contactar sem a colaboração do Nuno Santos Jorge do Instituto Politécnico de Santarém, do Hugo Cunha Lança do Instituto Politécnico de Beja, José Bicho da Biblioteca de Vendas Novas, Joana Isabel Robalo do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, à Mariana Amaral e ao Gonçalo Bargado da Faculdade de Direito de Lisboa e ao Artur Araújo.

Agradecer ainda ao João Mineiro pelas estimulantes conversas e discussões, pela amizade e pela disponibilidade para rever o manuscrito.

Por último, mas não menos importante, um agradecimento sincero ao orientador desta tese que até ao último dia não me deixou ficar no conforto dos meus equívocos e sempre me apontou pistas para encontrar soluções e para me enamorar dos temas que tivemos o prazer de discutir.

RESUMO

O género é seguramente um dos eixos em redor dos quais se organiza uma das mais vincadas, persistentes e historicamente enraizadas formas de discriminação e desigualdade. Durante o século XX, a par de uma tendência generalizada de democratização e secularização das sociedades ocidentais, assistiu-se a um claro esbatimento das assimetrias de género. Nesta dissertação questionamos se a perceção de uma aparente igualdade não ilude e contribui para a perpetuação dessa força socialmente disruptiva.

A partir da análise do discurso de 59 entrevistados com idades entre os 17 e os 27 anos (média de 21,42) resultante de seis entrevistas em *focus-grupe* procurou-se perceber qual o posicionamento face a três premissas para construir um indicador de “duplo padrão sexual”:

- Os indivíduos dividem-se em dois grupos – homens e mulheres
- As relações românticas e sexuais estabelecem-se com pessoas do sexo oposto
- As relações românticas e sexuais formais são exclusivas

Subsequentemente procurou-se responder a duas questões:

- O duplo padrão sexual e a masculinidade hegemónica são incorporados de forma idêntica por jovens de sexo diferente e independentemente da sua “orientação sexual”?
- Constroem os jovens identidades polifacetadas, ou até contraditórias, resultantes do conflito entre os ideais de igualdade e os preconceitos de assimetria de género?

Da interpretação das entrevistas conclui-se que os jovens de sexo diferente e independentemente da sua “orientação sexual” incorporam no seu discurso de forma inequívoca o duplo padrão sexual e adequam o seu discurso e práticas em função dos contextos de interação de forma a maximizar a integração e as conquistas de prestígio social. O duplo padrão sexual constitui-se portanto como uma arena determinante para produção e reprodução das assimetrias de género.

Palavras-chave: Duplo padrão sexual, género, desigualdades, sexualidade, binarismo de género, heteronormatividade, LGBT.

ABSTRACT

Gender is for sure one axis that determines one of the most severe, persistent and historically rooted forms of inequality and discrimination. During the 20th century, along with a general tendency towards democratization and secularization of western societies, witnessed an obvious fading in the gender asymmetries. In this dissertation we question if the perception of an apparent equality doesn't deceive and contribute to maintain that socially disruptive power.

From the analysis of the discourse of 59 interviewees with ages from 17 to 27 (mean of 21,42) resulting from six focus-grup interviews we tried to understand what was the position regarding three prerequisites to build a sexual double standard indicator:

- Individuals divide themselves in two groups – man and woman
- Romantic and sexual relations are established between people of opposite sexes
- Formal and romantic relations are exclusive

Afterwards we tried to answer the two following questions:

- Is the double sexual standard and the hegemonic masculinity identically absorbed by both genders and independently from the sexual orientation?
- Do the youths build plural or even contradictory identities as a result from the conflict between ideals of equality and prejudices of gender asymmetry?

From the analysis of the interviews we concluded that different gender interviewees and independently from their sexual orientation unmistakably incorporate in their discourse the double sexual standard and negotiate their discourse and practices in regard to different contexts of interaction to maximize integration and social prestige. The double sexual standard is therefore a significant arena where gender asymmetries are produced and reproduced.

Key words: Double sexual standard, inequalities, sexuality, gender binarism, heteronormativity, LGBT.

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| AGRADECIMENTOS..... | ii |
| RESUMO | iii |
| ABSTRACT..... | iv |
| CAPÍTULO I - GÉNERO, TRANSFORMAÇÕES E PODER: UMA APROXIMAÇÃO À ANÁLISE DAS DESIGUALDADES DE GÉNERO NA ESFERA PRIVADA..... | 1 |
| 1.1 - O duplo padrão - Hipóteses de trabalho e programa de pesquisa | 2 |
| 1.2 - Estratégia metodológica..... | 5 |
| 1.2.1 – <i>Focus-grup</i> e desenho das entrevistas | 5 |
| 1.2.2 - Perfis dos grupos e contextos de interação..... | 7 |
| 1.2.3 - Recolha e notação dos depoimentos..... | 9 |
| CAPÍTULO II - A DIFERENÇA NO DISCURSO E O DISCURSO NAS DIFERENÇAS..... | 12 |
| 2.1- Descubra as diferenças..... | 12 |
| - Em casa | |
| - No trabalho e entre colegas | |
| - No amor e no sexo | |
| 2.2 - "Os opostos atraem-se" | 19 |
| - Homofobia | |
| - Plasticidade | |
| - Passivos, ativos e poder | |
| 2.3 - Promiscuidade e prestígio..... | 22 |
| 2.3.1 - O corpo, o espírito e a construção de uma imagem..... | 23 |
| 2.3.2 - Quantos são demais? | 25 |
| 2.3.3 - Exclusividade e traição..... | 28 |
| CAPÍTULO III - O SENTIDO E A INTENSIDADE..... | 31 |
| 3.1 - Desigualdades ou diferenças? | 31 |
| 3.1.1 - Das mulheres e dos homens | 32 |
| 3.1.2 - Dos heterossexuais e dos outros | 33 |
| 3.1.3 – Dos fiéis e dos exclusivos e dos outros..... | 34 |
| 3.2 - A materialização do duplo padrão e a ordem de género | 35 |
| 3.3 - Questões e caminhos que se abrem | 36 |
| BIBLIOGRAFIA | I |
| ÍNDICE DE QUADROS | |
| Quadro 1.1 – Local, data, duração, número de entrevistados e média de idades de cada grupo..... | 7 |

CAPÍTULO I - GÉNERO, TRANSFORMAÇÕES E PODER: UMA APROXIMAÇÃO À ANÁLISE DAS DESIGUALDADES DE GÉNERO NA ESFERA PRIVADA

A partir da segunda metade do século XX, a superação em grande parte do hemisfério norte das condições mínimas de sobrevivência permitiu deslocar, pelo menos parcialmente, o debate sobre as *desigualdades vitais* para as *desigualdades existenciais* (Therborn, 2000: 35). Hoje, não apenas em todas as democracias modernas, mas também ao nível das instituições supranacionais existem dispositivos legais com o objetivo de garantir a igualdade de direitos e oportunidades entre mulheres e homens. No entanto, para lá dos dispositivos formais e institucionais, os indicadores revelam que estas desigualdades subsistem.

Cientes disso, as instituições que promovem os estudos dos graus de desigualdade e progresso passaram na maioria dos casos a recolher informação específica sobre esta dimensão discriminatória. O Relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento de 1995 tinha este problema como tema central e nos subseqüentes as desigualdades de género são sempre tratadas num capítulo particular. Em 2014, dos 148 países estudados, a Noruega é aquele que obteve um menor grau de desigualdade, surgindo Portugal em 43º lugar. Este índice que é construído a partir de um conjunto de variáveis que inclui indicadores de saúde, educação e participação no mercado de trabalho ilustra bem as correlações e intersecções que se estabelecem entre as diferentes desigualdades que se agravam de forma circular. Neste trabalho, partimos dessa perspetiva, propondo-nos analisar precisamente quais as formas e mecanismos com que se perpetuam as diferenças e desigualdades, bem como a sua relação com outras desigualdades ancestralmente enraizadas.

No essencial, aquilo que aqui pretendemos abordar é precisamente a relação entre o género e a sexualidade. Vários autores, com posicionamentos epistemológicos distintos, sugerem que a dimensão das transformações na sexualidade justifica o epíteto de “revolução”. Contudo, vale a pena pôr em perspetiva em que é que consistiu afinal a designada “Revolução Sexual”, bem como qual a sua relação com as desigualdades relacionadas com a identidade de género. As enormes transformações sociais operadas a partir do final na Segunda Guerra, em particular as consequências dos movimentos dos anos sessenta e o acesso generalizado a métodos contraceptivos tiveram um enorme impacto na transformação da sexualidade nas sociedades ocidentais. No entanto, se analisarmos a bibliografia sobre a chamada Revolução Sexual, encontrarmos sistematicamente um indicador para ilustrar o fenómeno: sexo antes do casamento. Num artigo de 2010, Jeremy Greenwood e Nezih Guner constroem um modelo matemático para demonstrar a aceleração das transformações sociais baseando-se precisamente na ideia de que na viragem para o século XX apenas 6% das jovens norte americanas tinham sexo antes do casamento e que cerca de 100 anos mais tarde passaram de uma ínfima minoria para cerca de três quartos (Greenwood & Guner, 2010). Independentemente do rigor dos

números ou da adequação do método, aquilo que nos interessa aqui é a seguinte questão: haverá uma correspondência direta entre as mudanças na conjugalidade e as transformações das práticas sexuais e dos julgamentos morais que lhes estão associados?

No extenso e ambicioso volume de Göran Therborn, “*Between Sex and Power*”, o sociólogo, referindo-se às alterações profundas ao nível do direito e do casamento, questiona-se sobre o pendor preponderantemente revolucionário ou reformista das alterações ocorridas no século XX. Therborn não hesita em classificar este período como aquele onde ocorrem as mais rápidas e radicais mudanças globais na história do género que designa por “despatriarcalização” (*de-patriarchalization*) (Therborn, 2004: 73). Este autor associa este processo a uma tendência mais generalizada de democratização e secularização das sociedades ocidentais e apesar de questionar se a mudança de paradigma consiste essencialmente numa rutura ou numa sucessão de transformações incrementais, não põe em causa a sua profundidade e substância.

Contudo, se olharmos para a sociologia crítica de Sofia Aboim, constatamos na verdade a contradição entre a tendência transformadora nas relações de poder de género e a manutenção do *status quo* eventualmente reconfigurado em arranjos subtilmente diferentes (Aboim, 2010). No contexto das mudanças e contradições das relações de poder de género nas sociedades contemporâneas, podemos falar dessa ideia sublinhada por Therborn de “despatriarcalização”?

Judith Butler, uma das mais importantes autoras contemporâneas na área do género, considera que não. Espelhando uma visão substancialmente diferente da de Therborn, na sua obra *Gender Trouble* reconhece que a erosão do patriarcado não diluiu o conceito de “mulher” e do tudo o que ele encerra, sugerindo pelo contrário uma reorganização do sistema, mas não necessariamente uma alteração substantiva nos fluxos de poder (Buttler, 1995). Para além disso, apesar dos relatórios institucionais como o PNUD, analisarem as desigualdades de género sobretudo em termos dos escolarização, o rendimento e divisão do trabalho, Sofia Aboim (2010) chama a atenção, com razão, que as desigualdades de género se produzem e reproduzem também na esfera privada escapando por isso a políticas públicas de combate às discriminações.

Parece não haver dúvida de que muito mudou no último século, mas se nos concentrarmos, não naquilo que mudou mas no que ficou sensivelmente na mesma, talvez cheguemos a conclusões e a perspectivas substancialmente diferentes. Esta pesquisa procura, assim, compreender qual é ainda hoje o papel da esfera privada na manutenção e reprodução do regime de género, problematizando em que medida a estruturação dessa ordem, estrutura igualmente as desigualdades que se erguem em torno das relações de poder de género.

1.1 - O duplo padrão - Hipóteses de trabalho e programa de pesquisa

O conceito de duplo padrão sexual, enquanto avaliação e juízo socialmente formulado de forma discrepante para comportamentos sexuais idênticos em homens e mulheres (Zaikman

& Marks, 2014: 333) resulta da interceção de duas dimensões: a desigualdade de género e de prestígio em função da forma como a sexualidade de cada um é percebida por si e pelos outros. Apesar do “duplo padrão sexual” não ser, no âmbito dos estudos de género, objeto de grande produção científica, nos últimos anos tem surgido alguma bibliografia especificamente sobre este assunto. Um dos epicentros desta atividade editorial tem sido uma revista Norte Americana “*Sex Roles*”¹, publicada pela *Springer*, que se apresenta como uma publicação científica, com uma “abordagem feminista, dedicada às ciências do comportamento”. Curiosamente, quando analisados alguns dos artigos aqui publicados sobre esta questão, aquilo que encontramos são sobretudo tentativas de demonstrar que o duplo padrão foi superado ou mesmo refutar que tenha existido (Marks & Fraley, 2006; Zaikman, & Marks, 2014 e outros). No entanto, num dos artigos (Jonason & Marks, 2009) é levantada uma hipótese interessante: estará apenas a operar uma transformação nos comportamentos sexuais socialmente sancionados e não uma alteração no sistema de poder que dita avaliações discrepantes quando os sujeitos dos comportamentos são de sexo diferente?

Esta problemática convoca debates complexos a montante e que se prendem com a construção de categorias de análise que no âmbito deste trabalho se constituem como variáveis, nomeadamente o sexo/género e a orientação sexual. A luta pelo reconhecimento dos direitos das mulheres parte de uma premissa fundamental: que os seres humanos se dividem em dois sexos (biológicos) e em dois géneros (sociais), o masculino e o feminino. Esta questão epistemológica da construção do género ultrapassa largamente a questão da discriminação das mulheres e ganhou relevo no final do século XX com as lutas pelo reconhecimento do movimento LGBT.

No feminismo de terceira vaga, a ideia prevalectente é que o género se constrói socialmente em torno de relações de poder e dominação (Wharton, 2005). O dilema da discriminação categorial é neste caso especialmente problemático: como é que é possível discutir a dominação masculina e construir dispositivos que a combatam sem mobilizar conceitos em si mesmo discriminatórios? Se o conceito de género nasceu precisamente do desejo de diferenciar o sexo biológico do género social ou cultural, outras como Judith Butler defenderam que o próprio conceito de sexo é socialmente construído (Butler, 1999). Raewyn Connell reconhece que para fins analíticos a mobilização dos conceitos de homem e mulher (e até de família) podem ser necessários, mas sublinha que é fundamental evitar presumir que se trata de conceitos fechados e absolutos (Connell, 1987). Nem Judith Butler, nem outras autoras da mesma linha, rejeitam naturalmente que na espécie humana (à semelhança de muitas outras) haja claro dimorfismo sexual. No entanto, isso por si só não justifica a categorização social com um complexo e extenso acervo de características apenas. Este fenómeno de diferenciação é

¹ “Sex Roles: A Journal of Research is an interdisciplinary behavioral science journal offering a feminist perspective. It publishes original research reports and review articles that illuminate the underlying processes and consequences of gender role socialization, gendered perceptions and behaviors, and gender stereotypes.” Disponível na internet em Setembro de 2015 em: <http://www.springer.com/psychology/personality+%26+social+psychology/journal/11199>

potenciado pela “Princípio do Metacontraste”, que tende a exagerar as diferenças entre diferentes categorias e a reduzir as dissemelhanças no interior de cada uma (Vasconcelos, 2004: 52). Independentemente da natureza potencialmente discriminatória das categorias socialmente materializadas, ao cientista social compete “analisar como os sujeitos socialmente situados constroem essas fronteiras e definições, assim construindo espaços sociais desiguais das identidades e pessoas” (Vasconcelos, 2004: 55).

A discriminação categorial organiza-se em opostos que constroem identidade e significado por contraste: homem-mulher, heterossexual-homossexual, passivo-ativo ou fiel-infiel. Acresce ainda que estes opostos não constituem binómios isolados. Eles interligam-se uns com os outros na construção de uma matriz de dominação e poder.

Esta é de resto uma das conclusões da operacionalização de um conjunto de oposições que Pierre Bourdieu estudou a partir do caso dos pastores das montanhas da Cabília: “as diferenças sexuais permanecem imersas no conjunto das oposições que organizam todo o cosmos” (Bourdieu, 2013: 21).

Não menos redutor do que categorizar indivíduos com um género e a partir daí presumir um conjunto de características é atribuir-lhes uma orientação sexual binária. No entanto, embora essa seja uma discussão interessante optou-se aqui por, à semelhança do que se fez com o género, recorrer a categorias de autorreferenciação mantendo em perspetiva o carácter esquemático destas categorias.

Na nossa hipótese de trabalho considerámos que o duplo padrão é um indicador de desigualdade compósito que pressupõe a prevalência de três condições normativas que incorporam algumas destas oposições:

- Os indivíduos dividem-se em dois grupos – homens e mulheres
- As relações românticas e sexuais estabelecem-se com pessoas do sexo oposto
- As relações românticas e sexuais formais são exclusivas

O duplo padrão emerge da avaliação diferenciada em função do género da *praxis* sexual. Contudo, esta hipótese analítica central que percorrerá toda a investigação e interpretação dos dados, desdobra-se em duas questões centrais que depois se cruzam e interpelam diversas problemáticas dos estudos de género.

- O duplo padrão sexual e a masculinidade hegemónica são incorporados de forma idêntica por jovens de sexo diferente e independentemente da sua “orientação sexual”?

- Constroem os jovens identidades polifacetadas, ou até contraditórias, resultantes do conflito entre os ideais de igualdade e os preconceitos de assimetria de género?

Nas páginas subsequentes desta dissertação, procuramos dar resposta a cada uma destas questões, olhando criticamente para os dados recolhidos e relacionando-os com os debates

teóricos que nos orientam e que anteriormente identificámos. Contudo, antes dessa análise, importa explicitar, de forma sumária, as opções metodológicas e técnicas da pesquisa, bem como os motivos que presidiram à sua adoção.

1.2 - Estratégia metodológica

Tendo em conta as interrogações suscitadas e os constrangimentos impostos por um projeto com estas características (limitações de tempo e recursos) optou-se por uma metodologia intensiva sem pretensões de representatividade inferencial, mas com a preocupação de não circunscrever a análise a um particularismo sociodemográfico.

Sendo a natureza das questões abordadas neste trabalho potencialmente melindrosa, por se relacionar com aspetos da sexualidade tipicamente codificados como pertencentes à esfera íntima, procurou-se concentrar a atenção não nos comportamentos individuais dos atores entrevistados mas sim nos discursos e representações sobre as práticas. Assim, focamo-nos nos comportamentos e representações em termos gerais, não os relacionado com as práticas dos entrevistados, conseguindo assim com a finalidade de reduzir os constrangimentos e a adequando as respostas a guiões socialmente instituídos. Paralelamente, com o objetivo de maximizar a fiabilidade das respostas, garantimos a salvaguarda do anonimato para além do contacto direto dos entrevistados e do entrevistador

1.2.1 – *Focus-grup* e desenho das entrevistas

Depois de se equacionarem diferentes alternativas metodológicas optou-se pela recolha de dados através da realização de entrevistas em *focus-grup*. Este método faz especialmente sentido num caso em que aquilo que se pretende avaliar são precisamente as interações explícitas e implícitas e dispositivos de pertença ou diferenciação identitária a partir da concordância ou ruptura com assuntos potencialmente polémicos (Morgan, 1996). Acresce a isto que esta metodologia é mais eficaz a captar o sentido e motivações de comportamentos complexos, o volume de informação obtido por unidade de esforço é superior e as respostas tendencialmente mais ricas do que o equivalente somatório de entrevistas individuais (Morgan, 1996: 139). Obviamente que esta metodologia também tem desvantagens, que no entanto se procuraram reduzir e controlar. A mais óbvia é o risco da exposição dos entrevistados não apenas ao entrevistador, mas também aos restantes elementos do grupo contribuir para aumentar a inibição e reduzir o rigor das respostas. Por isso mesmo, também as perguntas e tópicos de discussão não obrigaram os entrevistados a expor as suas experiências ou trajetórias individuais e optou-se por grupos pré-existentis onde existia uma relação de cumplicidade e confiança entre os entrevistados.

Para controlar a eventual interferência das variáveis idade e coorte geracional que se antecipava relevante, circunscreveu-se o universo a inquiridos com idades dentro de um intervalo relativamente estreito. O objetivo era reunir jovens entre os 18 e os 21 anos, no entanto, a dificuldade em encontrar elementos suficientes com estas idades, tenha feito com que se alargasse um pouco o critério etário, sem que daí resultasse um enfraquecimento do critério amostral. Dos 59 entrevistados, 40 tinham idades neste intervalo, 12 entrevistados tinham 22 anos, um tinha 17 e os restantes seis tinham entre 23 e 27 anos.

Realizaram-se seis entrevistas em *focus-grup*, três em Lisboa, e, Santarém, Vendas Novas e Beja, valor adequado tendo em conta as características da pesquisa (Morgan, 1996: 146). Uma das dificuldades da realização destas entrevistas prende-se com a necessidade de encontrar grupos formados por elementos com disponibilidade para reunir em simultâneo num local pré acordado. Enquanto técnica cara em estudos de mercado, este problema é recorrentemente contornado com a oferta de contrapartidas. Naturalmente que neste caso isso não fazia sentido e por isso foi necessário contar com o apoio de pessoas e estruturas que ajudaram não apenas na angariação dos entrevistados com as características necessárias, mas também na procura de um local físico para a realização das entrevistas. Quatro dos grupos resultaram da colaboração de professores e alunos de instituições de ensino superior. No entanto, procurou-se corrigir o viés incluindo não só alunos universitários, mas também de um curso técnico de um instituto politécnico e um grupo sem alunos do ensino superior. Uma estratégia comum a muitos estudos que recorrem a *focus-group* passa pela realização de pré entrevistas com a finalidade de aferir da adequabilidade do perfil dos entrevistados. No entanto, optámos por não seguir esta via pelos constrangimentos logísticos e porque necessitámos de fazer uma escolha quanto à procura de cumplicidade ou à reserva de distância e um certo grau de anonimato para promover desinibição face a perguntas potencialmente melindrosas.

No pedido de colaboração dos entrevistados, os objetivos da pesquisa foram mantidos bastante vagos para precaver a preparação de respostas ou a pesquisa de conteúdos que pudessem retirar espontaneidade às respostas. Na esteira do que sugeriram diversos estudos que sistematizaram os preceitos metodológicos de entrevistas com *focus-group* (Morgan, 1996: 141), na ausência de entrevistas prévias com os elementos dos grupos, procurou-se constituir grupos com um número de participantes ligeiramente cima do número ideal (cerca de 8) para precaver desistências de última hora e também a presença de elementos com participação escassa ou nula. As entrevistas tiveram duração aproximada de uma hora e foram conduzidas em “mesa redonda”.

Uma preocupação frequente na aplicação deste tipo de técnica prende-se com a standardização entre os grupos. Neste caso, no entanto, como não havia o objetivo de fazer comparações entre os grupos, mas sobretudo de contribuir para avaliar em contextos diversos a prevalência de um conjunto de valores e preceitos, manteve-se um guião orientador das

entrevistas constante, mas sem a preocupação de garantir que todas as questões eram feitas da mesma forma a todos os grupos. Aliás, assumiu-se desde cedo um modelo de guião flexível e semi-estruturado.

Numa pesquisa cujo pressuposto analítico emana da análise crítica do binarismo de género e da masculinidade hegemónica, mesmo não sendo a orientação sexual uma variável chave em discussão pareceu-nos útil garantir também a diversidade de orientações, formando um grupo com jovens que se auto referenciam como *gays*.

Quadro 1.1 – Local, data, duração, número de entrevistados e média de idades de cada grupo

| Grupo | Santarém, Politécnico, alunos do Curso de Técnicas de Gestão | Vendas Novas – Grupo de Amigos | Lisboa, Alunos de Biologia no ISPA | Lisboa - Príncipe Real grupo de amigos homossexuais | Beja, Politécnico, alunos de 2º ano de Solicitadoria | Lisboa alunos de Direito da FDL | Total |
|-------------------------------|--|--------------------------------|------------------------------------|---|--|---------------------------------|---|
| Data de realização | 4 de Fevereiro | 23 de Fevereiro | 27 de Fevereiro | 7 de Março | 16 de Março | 18 de Março | |
| Duração da entrevista | 1:10:25 | 00: 52:43 | 00: 57:52 | 1:03:32 | 00: 47:52 | 00: 59:27 | 05:51:51 |
| Número de entrevistados | 7 raparigas e 5 rapazes | 4 rapazes e 4 raparigas | 5 raparigas e 7 rapazes | 4 rapazes e uma rapariga | 4 rapazes e 9 raparigas | 5 rapazes e 5 raparigas | 31 sexo feminino 28 sexo masculino |
| Idade média dos entrevistados | 19 | 20 | 22 | 24 | 20 | 21 | 21,42 |

Um importante dilema que se colocou durante o desenho do projeto foi o de escolher entre a análise de grupos mistos ou diferenciados por sexo. No entanto apesar de a diferenciação poder teoricamente ajudar a isolar variáveis de análise e fazer sobressair padrões de género, optou-se por grupos mistos que estimulavam mais o contexto de interação entre géneros. No caso do grupo de homossexuais que contava apenas com cinco elementos, só conseguimos garantir a presença de um elemento do sexo feminino, que inclusivamente não se revê no rótulo de homossexual ou bissexual preferindo dizer apenas que já teve relações com pessoas de ambos os sexos.

1.2.2 - Perfis dos grupos e contextos de interação

A maioria dos grupos revelou-se altamente cooperante, tendo frequentemente enriquecido de forma espontânea os depoimentos com experiências concretas individuais que não eram à partida solicitadas diretamente pelas perguntas. As duas entrevistas que se destacaram por motivos inversos foram a do grupo de jovens homossexuais e a do Politécnico de Beja. No caso da primeira, a entrevista foi antecedida por um jantar e acompanhada de vinho e o registo foi manifestamente o mais informal e onde os entrevistados mais expuseram pormenores da sua intimidade do que em qualquer uma das outras. A entrevista de Beja foi,

inversamente, a que teve respostas mais lacónicas e com menos conteúdo. Para isso pode ter contribuído o facto do docente se ter mantido na sala. Esta foi uma situação que conseguimos evitar nas restantes entrevistas, mas que neste caso se revelou impossível.

Embora o registo e notação dos depoimentos dos entrevistados permita uma análise em coluna (por dimensão) e linha (por grupo), com exceção do caso particular do grupo de homossexuais que foi constituído com base numa premissa diferente, será dada a primazia a uma análise por dimensões. Ainda assim vale a pena fazer um breve enquadramento sobre cada um dos grupos.

O primeiro grupo a ser entrevistado foi constituído por alunos de um curso de Especialização Tecnológica em Técnicas de Gestão com um ano de duração, da Escola Superior de Gestão e Tecnologia, do Instituto Politécnico de Santarém. A mobilização dos voluntários bem como a marcação de uma sala para realização da entrevista nas instalações do Politécnico foi possível, graças à colaboração de um docente da casa. O grupo era constituído por pessoas de Santarém e arredores que na sua maioria tem a expectativa de no próximo ano letivo ingressar numa licenciatura.

A segunda entrevista realizou-se no contexto bastante diferente da anterior até porque se pretendia precisamente não restringir os entrevistados a instituições de ensino. Por isso mesmo, através de um funcionário da Biblioteca de Vendas Novas, conseguiu-se mobilizar neste concelho um conjunto de 8 voluntários com perfis académicos e profissionais mais diversificados do que os anteriores, mas com uma marca de precariedade bastante óbvia. Neste grupo de quatro rapazes e quatro raparigas, um tem apenas o 9º ano, vários têm o 12º incompleto, um está num curso profissional de restauração, três são desempregados, um trabalha numa bomba de gasolina e um é *barman*. São um grupo de amigos visivelmente unido que manifestam repetidas vezes a intensidade, sinceridade e cumplicidade das relações de amizade que os unem. Seis dos oito elementos do grupo constituíam três casais de namorados com durações distintas. A entrevista decorreu na casa de um dos elementos onde o grupo normalmente se reúne.

A terceira entrevista incidiu sobre um grupo de alunos da Licenciatura de Biologia no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) em Lisboa, e à semelhança da entrevista aos alunos do Politécnico de Santarém resultou também da colaboração de uma docente da instituição. Os alunos aqui entrevistados eram de Lisboa e arredores.

Por motivos que são fáceis de compreender, o grupo de voluntários mais difícil de obter foi o dos jovens homossexuais, sobretudo porque se excluíram à partida ativistas LGBT onde teria sido razoavelmente simples encontrar um grupo já formado e predisposto para colaborar. No entanto, pela natureza das entrevistas pretendiam-se excluir interlocutores atípicos especialmente enquadrados nas problemáticas abordadas. Pelo mesmo motivo excluíram-se também do leque de potenciais entrevistados alunos de sociologia, psicologia ou antropologia.

O caminho passou neste caso pela mobilização da rede de contactos pessoais, tentando encontrar alguém que pudesse ajudar a organizar um grupo. Foi isso mesmo que um aluno de mestrado de marketing se dispôs a fazer entre o seu grupo de amigos que tipicamente se encontra na noite de Lisboa. Este grupo, composto por quatro homens e uma mulher, incluiu estudantes universitários com origens em diferentes cidades do país, um desempregado e um empregado numa loja de roupa. A entrevista realizou-se na casa de um dos voluntários num apartamento ao Príncipe Real (bairro icónico do circuito *gay* da cidade de Lisboa) e foi marcada para a hora de jantar para que depois, como habitual, o grupo pudesse ir disfrutar a noite no *Trumps* ou num qualquer outro estabelecimento de diversão noturno LGBT.

Aprofundando o esforço de fazer entrevistas não só fora de Lisboa mas mesmo no interior, conseguiu-se, mais uma vez com a colaboração de um docente da instituição, mobilizar um conjunto de voluntários entre os alunos da Licenciatura de Solicitadoria do Instituto Politécnico de Beja. Neste grupo em que os elementos do sexo feminino foram bastante mais numerosos do que os do sexo masculino (9 para 4) todos eram originários de Beja ou de outras localidades do interior Alentejano.

Finalmente, para a última entrevista reuniu-se um grupo de oito alunos de anos distintos da Faculdade de Direito de Lisboa (FDL) a que se juntaram circunstancialmente dois alunos de outros cursos: um aluno de Administração Pública e uma aluna de Ortoprotesia. Ao contrário dos outros grupos que se organizaram em instituições de ensino superior, este foi dinamizado por alunos e elementos da Associação de Estudantes. A entrevista realizou-se numa sala da FDL.

No arranque das entrevistas, era feita uma introdução muito sumária ao âmbito da pesquisa remetendo esclarecimentos mais aprofundados para o final, por forma a poder captar assim as respostas mais espontâneas. Posteriormente, numa primeira ronda com a finalidade simultaneamente agilizar o processo e de esbater inibições perguntou-se a cada um dos presentes, para além do nome e da idade, uma qualidade e um defeito que consideravam ter. Subsequentemente introduziram-se as questões ligadas à conjugalidade e à família, depois às diferenças entre mulheres e homens e finalmente sobre os ganhos e perdas de prestígio em função da forma de vivenciar a sexualidade. Durante a condução das entrevistas procurou-se contribuir para o aprofundamento da discussão e também gerir os diálogos por forma a que os diferentes participantes não falassem todos em simultâneo impossibilitando a compreensão e transcrição dos depoimentos.

1.2.3 - Recolha e notação dos depoimentos

Uma opção na recolha e tratamento dos dados que tem justificações simultaneamente práticas e conceptuais prende-se com o registo dos depoimentos. Idealmente a recolha dos

depoimentos deve ser não apenas gravada, mas também filmada e o entrevistador deve-se fazer acompanhar por um ou mais assistentes que ajudem não apenas a gerir os equipamentos de recolha de som e imagem mas sobretudo a recolher informação que ajude a registar a linguagem corporal ou outras manifestações que uma gravação de som não consiga captar (Morgan, 1996; Rabiee, 2004). Neste trabalho prescindimos da informação que eventualmente possa ter escapado ao registo áudio e às anotações do próprio entrevistador e concentramo-nos nos depoimentos prestados cuja indexação refere apenas se eram prestados por entrevistados do sexo feminino ou masculino. Esta opção relaciona-se com o facto de não se ter procurado aprofundar o perfil de cada entrevistado salvaguardando assim melhor o seu anonimato. Aos inquiridos foi pedido apenas a idade e o primeiro nome (e referido que poderiam usar um pseudónimo) apenas para facilitar a conversação. No caso das entrevistas que não resultaram de grupos de alunos perguntou-se pela profissão ou área de estudos para caracterizar o grupo e não para os caracterizar individualmente.

Optou-se também por uma análise menos fragmentada e que ajudasse a potenciar as dinâmicas de interação e a postura dos entrevistados. Por isso, ao invés de se tomar como ponto de partida as transcrições integrais das entrevistas que incluíam em alguns segmentos excessivo ruído (literal e metafórico), optou-se por ouvir cada uma das entrevistas pelo menos três vezes. Numa primeira para ganhar familiaridade com os conteúdos e registar dados biográficos e de caracterização do grupo. Uma segunda em que foram registadas as dimensões e problemáticas mais relevantes para cruzar com as hipóteses e questões que constavam do guião, e finalmente na terceira em que se transcreveram partes de dimensão variável dos depoimentos e intervenções que sintetizam as posições dos entrevistados. Os depoimentos transcritos com dimensão variável e num total de 121 segmentos foram depois introduzidos numa tabela de dupla entrada em que se identifica o sexo de quem proferiu cada uma delas e se cruza cada um dos grupos com seis dimensões: Exclusividade sexual Binarismo de género, Identidades plurais, Capital sexual, Heteronormatividade, Falocentrismo e Poder. Numa fase posterior e tendo por base a reinterpretação dos dados, verteram-se estas dimensões em três pilares: Diferença, a Moral e o Prestígio.

O enviesamento nas respostas obtidas em questionários ou entrevistas em virtude da tentativa, mais ou menos consciente, de corresponder a padrões de adequabilidade social está bastante bem estudado (Fisher, 1993; van de Mortel, 2008 e outros). O tema desta pesquisa parece por razões óbvias sensível a este tipo de distorção e por isso mesmo no desenho da entrevista procurou-se adotar uma postura que tem por objetivo mitigar este efeito através da formulação de perguntas indiretas, tanto no sujeito, como no próprio conteúdo. A expectativa é a de que pronunciando-se os inquiridos não sobre os seus comportamentos individuais, mas sobre os das pessoas que os rodeiam, as respostas sejam menos comprometidas com uma visão do “politicamente-correto”. Por outro lado, mesmo o tema das perguntas e a forma e ordem por

que foram apresentadas pretendia, sem iludir os entrevistados, apresentar as dimensões de análise fundamentais com algum mimetismo.

A questão mais interessante a este respeito é que a avaliação de um viés potencialmente introduzido por uma tentativa de adequabilidade pressupõe a existência de um padrão social. No entanto, aquilo que bibliografia nos mostra (Aboim, 2010) é precisamente a fluidez dos padrões morais e normativos em função dos diferentes contextos. Esta questão prende-se também com a opção de constituir grupos mistos e de assim procurar nas contradições que resultam da eventual identificação por semelhança e afirmação e construção identitária pela diferença de vetores valorativos essenciais na construção da complexa trama de relações sociais. Um dos argumentos de base deste trabalho é aliás que as discriminações de género, ao contrário de outras com um enraizamento histórico igualmente profundo (como as raciais), não se constituíram ainda como “politicamente-incorretas”. A ambiguidade com que este trabalho terá de conviver tem portanto que ver com o carácter contraditório do “politicamente-correto” e de adequabilidade social no que ao discurso sobre a igualdade de género concerne. Se, por um lado, o discurso dominante incorpora a ideia de que mulheres e homens devem ter direitos iguais, por outro lado, ele pressupõe igualmente que há papéis eminentemente masculinos e femininos.

Quanto aos três pilares onde se baseou a análise nas perguntas: a Diferença, a Moral e o Prestígio pretendia-se perceber o seguinte:

- Diferença - como é que os entrevistados se posicionavam face à existência de diferenças entre mulheres e homens, se a existirem as consideravam preponderantemente de natureza biológica ou cultural, e se as consideravam inevitáveis e/ou desejáveis. Pesaram-se representações relativas à distribuição do trabalho remunerado, trabalho doméstico e na parentalidade e também foram levados em conta os estereótipos de género considerando não apenas a dialética entre masculino e feminino, mas entre masculinidade e heterossexualidade.

- Moral - quais as justificações predominantes para considerar determinadas condutas aceites e outras condenáveis ou imorais. Neste processo consideraram-se como indicadores fundamenais os pressupostos da conjugalidade, do amor romântico, da exclusividade e da fidelidade, do “respeito” e da “confiança” nas relações.

- Prestígio – entendido como parte do “capital social” procurou-se analisar se socialmente a perceção face a uma sexualidade mais aberta e experimental, ou mais circunscrita e discreta, conferia ou retirava prestígio e se este sistema funcionava com a mesma intensidade e sentido para homens e para mulheres e em diferentes contextos.

CAPÍTULO II - A DIFERENÇA NO DISCURSO E O DISCURSO NAS DIFERENÇAS

A complexidade deste tema prende-se com uma característica que na realidade é comum a muitos, senão mesmo a todos os problemas sociológicos: para além das diferenças substantivas (passíveis de ser entendidas como desigualdades) há no plano do discurso e das ideias a construção de uma matriz de significados e uma retórica que suporta ela mesma uma ideologia mais ou menos implícita.

É no espaço sinuoso entre os discursos e as práticas que vamos encontrar o objeto deste estudo. Aqui a utilização dos plurais não é de somenos importância: não só diferentes indivíduos incorporam diferentes esquemas cognitivos, constroem discursos diferenciados e revelam práticas distintas, como os mesmos sujeitos em circunstâncias e contextos díspares mobilizam posicionamentos aparentemente contraditórios.

O duplo padrão não coloca em confronto duas posições monolíticas incrustadas num discurso binário. É muitas vezes nos posicionamentos ambíguos e contraditórios que se esboçam os seus contornos. O binarismo de género e a naturalização das diferenças, assim como a heteronormatividade e a exclusividade sexual, podem sobressair nuns contextos e atenuar-se nos outros.

Na condução das entrevistas procuram-se revelar estas contradições, percebendo se é possível encontrar esquemas cognitivos padronizados que traduzam, pela discriminação e pela incorporação de estereótipos, a existência um duplo padrão sexual coerente e consistente. Para isso, partindo das três dimensões parcelares que constituem a variável compósita, atrás explicitada, estruturaram-se um conjunto questões e temas de debate nos *focus-group*, organizados em torno dos três problemas: binarismo de género; heteronormatividade; e exclusividade sexual/monogamia.

2.1- Descubra as Diferenças

Em 1993 o autor Norte Americano John Gray publicava o livro “*Men Are from Mars, Women Are from Venus*” que, tendo vendido mais de 50 milhões de exemplares, se tornou numa das obras ensaísticas mais vendidas da década. O que este livro faz, desde logo no título, é cristalizar a ideia da naturalização das diferenças de género. A construção da diferença opera em dois planos distintos: não só identifica um elenco de tarefas e atributos específicos de cada género, como simultaneamente desvaloriza arbitrariamente um deles.

Apesar da crítica à naturalização das diferenças e do binarismo de género não ser nova no campo das ciências sociais e dos movimentos sociais e políticos, aquilo que queríamos compreender nesta pesquisa é se o discurso dos entrevistados espelhava, ou não, um pensamento discriminatório transversal, ou se pelo contrário se circunscreve a alguns campos

específicos da sua realidade. Com esse objetivo, as entrevistas abordaram não apenas tópicos relacionados com a sexualidade, mas também outras arenas das relações e da organização social em que se potencialmente se fazem sentir as diferenciações de género.

Em casa

A este respeito é interessante haver recorrentemente no discurso um plano subsumido em que o sentido dos depoimentos parece contrariar os termos que o enunciam. Este paradoxo revela-se claro, por exemplo, quando se fala da divisão do trabalho doméstico:

“O meu irmão, se nós lhe pedirmos ajuda, ele vai ter que fazer”
feminino, Beja

O que o depoimento parece querer justificar é que a divisão das tarefas domésticas não é da exclusiva responsabilidade das mulheres, o que pode ser visto como uma transformação face ao padrão de um passado recente. No entanto, a formulação também deixa transparecer que se trata de uma colaboração supletiva e, portanto, diferenciada. Esta é aliás uma boa metáfora para a hipótese que se pretende testar. No entanto, noutros casos a divisão de papéis é assumida de forma mais explícita.

“As mães com os filhos é: vá filhinho anda cá, vamos comer que a comida já está pronta... Com a filha: vai fazer a comida, põe a mesa... o jantar ainda não está feito porquê?” feminino, Santarém.

“Muito mais facilmente uma mulher corta a relva do que um homem limpa a casa” feminino, Santarém.

Ambos os excertos, sugerem no tom em que são formulados a apresentação desta realidade de forma factual, e tendo subjacente uma aceitação tácita dos termos e sem qualquer juízo condenatório da sua situação aparentemente desvantajosa. Em casa e em família, os jovens entrevistados revelam que a desigualdade não se circunscreve ao desempenho de tarefas. O grau de liberdade que os pais concedem aos filhos também varia em função do sexo.

“O meu Pai diz: o teu irmão pode sair porque ele é rapaz” feminino,
Beja.

“Se eu chegar a casa bêbeda já sei que os meus pais se vão zangar comigo, mas com o meu irmão, não...” feminino, Beja.

A diferenciação não se restringe no tratamento distinto que os pais dão aos filhos de sexo diferente. O Pai e a Mãe transportam já consigo a diferenciação e chamam a si papéis específicos para contextos concretos.

“...a Mãe tenta incentivar o filho a fazer a lida da casa...o Pai tenta ensinar o filho a parte sexual e a parte exterior da casa” masculino, Santarém.

Neste caso, fica ainda patente, uma vez mais a ideia do papel acessório dos filhos do sexo masculino no desempenho das tarefas domésticas.

Na entrevista do Príncipe Real, quando confrontados com as negociações de poder dentro da esfera doméstica, surge uma frase idiomática, que pode até não traduzir um pensamento sedimentado ou uma posição ideológica, mas que ilustra também, com recurso a uma espécie de dupla negação, os papéis de género dentro de casa. Talvez (para o entrevistado) até sejam as mulheres que “mandam em casa”, mas as “calças” (por oposição às saias ou aos vestidos) continuam a ser um símbolo masculino de poder.

“Se formos a ver as mulheres é que vestem as calças em casa”
masculino, Príncipe Real

Este padrão assimilado pelos entrevistados homossexuais revela-se de resto noutros depoimentos. Embora quando inquiridos especificamente se a condição de “passivos” retirava poder na relação, as respostas tenham sido negativas e tenham feito questão de sublinhar que os ativos eram frequentemente os *gays* mais efeminados, algumas das respostas parecem incorporar esse pressuposto.

“Eu adoro montar-me em cima da pessoa... Se à outra pessoa agrada-lhe mais estar de quatro e eu não gosto tanto de estar de quatro, espera aí, o cu é meu, posso te agradar um bocadinho mas eu tenho também de ter a minha parte. Agora, depois quando se passa para a relação amorosa, o que eu imagino é que... não me importo, por exemplo, se uma pessoa chegar ao pé de mim (nós gostamos bué um do outro), temos uma relação, e ele diz assim: “olha, nós vamos ter filhos e quero que tu fiques em casa, ou seja, eu ser, digamos... o papel antigo da mulher, eu não me importava de fazer esse papel” masculino, Príncipe Real.

“Conheço casais em que o ativo é que gosta de cozinhar e arrumar a casa” masculino, Príncipe Real.

No trabalho e entre colegas

O reverso da divisão assimétrica do trabalho doméstico é naturalmente a segmentação do mercado de trabalho que está amplamente demonstrada estatisticamente desde logo pelas diferenças do rendimento médio de homens e mulheres (Coelho, 2013). Também aqui nos depoimentos surge não apenas a constatação de que as diferenças existem, como se defende que se justificam e são inevitáveis.

“Há claramente profissões que tendencialmente correspondem ao homem e à mulher, o que não implica que homens se consiga integrar perfeitamente e ter uma apetência fantástica por profissões que normalmente se enquadram mais na mulher e o inverso. Agora, a mulher tem uma capacidade de resistência psicológica muito maior à do homem na maioria dos casos que lhe permite corresponder a profissões a que o homem não consegue dar resposta” masculino, FDL.

“A natureza dos sexos é distinta e essa distinção vai sempre perdurar” masculino FDL.

Embora haja uma infinidade de contextos de interação com códigos e gramáticas próprias, a divisão do trabalho remunerado e doméstico são boas unidades de análise dos discursos diferenciados, mas sabemos que a construção identitária não se esgota aqui. Entre amigos ou colegas, o discurso e as práticas variam, caso se esteja “entre pares”, ou com pessoas do sexo oposto.

“O meu discurso varia quando estou num grupo misto ou só de gajos” masculino FDL.

“Quando estamos entre rapazes é tudo à balda, quando estamos com raparigas temos de manter uma certa postura” masculino ISPA.

“Nós quando estamos com raparigas conseguimos compreender umas às outras, quando estamos com rapazes temos de ter aquela base do respeito” feminino, Beja.

No amor e no sexo

Naturalmente que a esfera da conjugalidade, dos afetos e da sexualidade foi a que dominou as entrevistas. Aqui procurou-se avaliar não apenas se são moralmente julgados de forma diferenciada práticas idênticas cruzando a variável do gênero, mas também em que medida é que diferentes contextos relacionais condicionavam essa percepção. Procurou-se não condicionar as respostas colocando aprioristicamente categorias estanques, lançando ao invés disso questões mais abertas que se relacionavam, por exemplo, com as características que definem um parceiro ideal para uma relação. Esta pergunta, aliás, criou sistematicamente a devolução de uma pergunta que delimita imediatamente o eixo em redor do qual se organizou a subsequente discussão: “relação de que tipo?”. Aquilo que boa parte das respostas iria revelar é, por um lado, se os inquiridos distinguem as relações românticas estáveis e duradouras das sexuais fugazes e passageiras, e por outro lado, como a cada uma delas fazem corresponder um conjunto de características específicas e que não são intermutáveis.

A naturalização das diferenças expressa de forma implícita ou explícita, e ancorada em pressupostos biológicos, parece igualmente incorporada pelos entrevistados de ambos os sexos.

“A partir do nascimento há logo uma diferença, um é homem outro é mulher, começa logo por aí” masculino Vendas Novas.

“Os homens ligam muito mais à parte física do que à parte emocional. Acho que é natural o homem sentir isto, não significa que não se apaixone, não significa que não ame” masculino FDL.

Através de consistentes esquemas cognitivos de binarismo de gênero, as diferenças no discurso traduzem a convicção de que as mulheres são “naturalmente” mais afetivas e emocionais e os homens mais físicos, racionais e pragmáticos.

“Eu acho que o envolvimento de uma mulher é sempre diferente” feminino, FDL.

“Numa relação como deve ser e que preencha as mulheres têm mais tendência para ser fiéis” feminino, ISPA.

Por outro lado, importa reconhecer que sendo o discurso diferenciador dominante, há também depoimentos dissonantes que contariam aparentemente estas posições.

“Há mulheres que só querem a parte física” feminino, FDL.

“Conheço tantas mulheres que ligam à parte física, como homens que ligam à parte emocional.” feminino, FDL.

“Tenho uma amiga que me diz: fogo, vocês têm bué sorte em ter sexo só numa noite. Eu também gostava de fosse assim connosco... ela diz que se fosse com ela ia ser condenada” masculino, Príncipe Real.

Nestes casos, a necessidade de afirmar que se considera existirem mulheres que procuram sexo sem que esteja enquadrado numa relação afetiva, o que faz é delimitar precisamente a perceção do carácter excecional desta ocorrência. O mesmo para os homens que “ligam à parte emocional” e que na formulação do depoimento se constituem como excecionais ou invulgares.

No entanto, se em alguns casos, ao longo das entrevistas o perfil dos entrevistados revela uma postura predominantemente inclusiva, noutros casos, que neste conjunto de entrevistados se revelarem maioritários, por detrás dos contributos igualitários surgem dissimuladas contradições discriminatórias.

“As pessoas são todas diferentes, tanto faz ser homem ou mulher” masculino, Santarém.

Isoladamente, este depoimento de um entrevistado do Politécnico de Santarém, seria uma ótima ilustração de um posicionamento não discriminatório e que percebe as especificidades dos indivíduos independentemente da filiação a uma categoria de género. No entanto, numa análise horizontal, aquilo que sobressai é a contradição entre o discurso igualitário e “politicamente-correto”, com mais ou menos subtis traços discriminatórios dissimulados no discurso.

No discurso, a dissociação entre desejo sexual e afetividade encerra múltiplos paradoxos que no caso específico desta dimensão traduzem, no essencial, a crença no dito popular de que “os homens dão amor para ter sexo e as mulheres dão sexo para ter amor”. Independentemente das *nuances* do juízo crítico que os entrevistados possam ter revelado, o sentimento claramente dominante e sem margem para dúvidas que se pode retirar do discurso é que a motivação e a vivência da sexualidade é distinta para homens e para mulheres.

“Fisicamente, supostamente o homem precisa mais (de sexo) do que a mulher... em termos anatómicos o homem precisa mais do que a

mulher... o corpo do homem precisa mais do que o da mulher, mas em termos psicológicos é exatamente igual” masculino, Santarém.

Quando convidados a discutir esta hipótese, os alunos de Biologia do ISPA socorreram-se de explicações darwinianas e nos pressupostos do Gene Egoísta de Richard Dawkins (1976).

“Os homens traem por paixão física, as mulheres por paixão emocional” masculino, Santarém.

Perante respostas de entrevistadas do sexo feminino que dão conta de forma dúplice como são avaliados comportamentos semelhantes por parte de homens ou de mulheres, é inevitável questionarmo-nos sobre os sentimentos que transportam e que a simples transcrição das respostas não ilustra.

“Se formos nós a traír somos umas “grandas putas”, se forem eles a traír és fixe porque andas aí com todas” feminino, Vendas Novas.

“O homem é um garanhão, nós somos as putas” feminino, Vendas Novas.

“As raparigas são muito mais criticadas do que os rapazes” feminino, Beja.

Ao contrário do que poderíamos supor, na grande maioria destas respostas não transparece qualquer sentimento de injustiça ou indignação. Quando pergunto especificamente se estes depoimentos traduzem um sentimento geral com o qual as entrevistadas se identificam ou pelo contrário repudiam, a resposta é ambígua mas inclui formas de linguagem não-verbal como encolheres de ombros. Não posso deixar de interpretar estas formas de linguagens como uma espécie reconhecimento de que elas próprias sabem que a sua posição é contraditória e as penaliza.

“Eu acho que as raparigas, por muito que se tente lutar contra isso - e contra mim falo - vão ser sempre o género mais criticado, o género mais fraco, e uma rapariga que tenha muitos relacionamentos é vadia e um rapaz é o bom... o que é que eu posso fazer para mudar?” feminino, Beja.

Em alguns casos, a formulação dos comentários sugere algum distanciamento individual face ao que é considerado o padrão dominante, como se houvesse uma tentativa de separar um sentimento socialmente inculcado sem no entanto assumir uma posição contrária.

“Socialmente nem sequer é permitido à mulher que possa pensar só na parte física” feminino, FDL.

“Socialmente é muito mais bem aceite um homem que diga que numa relação a única coisa que quer é sexo do que uma rapariga” feminino, FDL.

Finalmente, e sem que seja sequer necessário procurar formas dissimuladas de reprodução do discurso de legitimação das desigualdades, nem sempre assumidas frontalmente, há também depoimentos que manifestam explicitamente e de forma crítica preocupação com aquilo que consideram ser um pernicioso esbatimento das diferenças.

“As mulheres pensam que já podem fazer tudo” masculino, FDL.

“Chegamos a um ponto em que já estamos a passar a igualdade...” masculino, FDL.

2.2 - “Os opostos atraem-se”

Verificada no universo dos entrevistados a premissa de que os indivíduos se organizam num esquema de género binário, importa avaliar a prevalência de uma postura heteronormativa no discurso que sustente a ideia do duplo padrão sexual. Embora seja certamente redutor, para este efeito recorreu-se fundamentalmente a um indicador bastante inequívoco: a homofobia. Homofobia, enquanto sentimento individual de desconfiança irracional e também como sistema de crenças que perpetua estereótipos negativos acerca da homossexualidade (Morin & Garfinkle 1978).

Homofobia

Em alguns casos revelou-se necessário escavar um pouco mais fundo o sentido atribuído às práticas para encontrar algum preconceito dissimulado por detrás do aparente discurso de igualdade.

“Duas mulheres conseguem muito bem criar umas crianças e dois homens também conseguem criar crianças... é estranho para nós mas não deixa de ser possível até porque uma só pessoa consegue” feminino, Santarém.

No entanto, noutros depoimentos, o posicionamento homofóbico é assumido de forma clara e sem reservas. Quando confrontados os entrevistados com a possibilidade de, por exemplo, um dia virem a ter um filho homossexual, a resposta de um dos alunos da Faculdade de Direito de Lisboa é inequívoca e ilustra sem eufemismos o que de resto parece um sentimento comum, mesmo se camuflado por um meta-discurso mais moderado.

“(se tivesse um filho gay) ...eu não sei o que fazia ... sinceramente, acho que me suicidava. Não tenho nada contra essas pessoas, elas que vivam lá a vidinha delas, mas o meu filho, por favor não...” masculino, FDL.

A masculinidade hegemónica, enquanto arquétipo cultural, constitui-se como a matriz de um sistema de dominação, poder e ascendência social legitimado pelo pressuposto do dimorfismo sexual (Vale de Almeida, 1996: 162). Nas entrelinhas do discurso sobre homossexualidade sobressai de forma implícita um discurso estruturado baseado nestes pressupostos.

Mesmo se a homossexualidade é considerada “estranha” ou “condenável”, esse sentimento varia quando se pensa em homens ou mulheres. Quando se sugere que a perda de prestígio ou capital social de um homem homossexual é muito maior do que de uma mulher homossexual, aquilo que pode estar em causa é o juízo crítico face à perda de um dos pressupostos da masculinidade.

“Nós não “mete piada” dizer “é lésbica”, [a] vocês [rapazes] mete piada dizer “gay” porque estão a rebaixar o outro” feminino, Vendas Novas.

Mesmo nos entrevistados homossexuais é feita uma associação entre heterossexualidade e masculinidade, fazendo-se corresponder ao arquétipo de homem atraente um heterossexual masculinizado.

“Eu gosto mesmo de um homem másculo. Quanto mais másculo melhor” masculino, Príncipe Real.

“No meu grupo existe um “bofe” lindo, que para mim é um hétero autêntico, ele é musculado e isso tudo, ativo, ou seja, faz um papel de homem, mesmo” masculino, Príncipe Real.

Curiosamente, o mesmo entrevistado daria pouco depois uma resposta bastante contraditória.

“As mulheres representam o meu ideal de beleza” masculino, Príncipe Real.

Não tendo aqui recolhido dados suficientes que permitam elaborar muito sobre esta contradição, esta posição pode sugerir a manutenção de um sistema binário baseado em papéis diferenciados.

Plasticidade

Talvez por defesa também, mas igualmente como estratégia de construção identitária, estes entrevistados revelaram adequar o seu comportamento às especificidades dos contextos onde se movimentam.

“Se eu estiver na terra, não tenho esta postura” masculino, Príncipe Real.

“O nível de “gayzisse” aumenta quando saímos à noite” masculino, Príncipe Real.

Os entrevistados no Príncipe Real, quando confrontados com a questão da possibilidade de um dia virem a ter filhos homossexuais, têm posições ambivalentes. Por um lado, revelam que gostariam de ter filhos que se pudessem identificar nesse particular, mas por outro lado revelam um passado a muitos níveis traumático e a que não gostariam que os seus filhos fossem expostos.

“Eu sofri do chamado *bullying*. Tive miúdos à porta da escola a baterem-me e a escarrarem-me...” masculino, Príncipe Real.

Passivos, ativos, masculinidade e poder

O esforço de garantir que não se mobilizavam apenas entrevistados que não se revissem num modelo heteronormativo prendia-se sobretudo com o desejo de, através da supressão de um sistema de relações ancoradas no binarismo de género, encontrar eventuais relações de poder que transcendam a simples questão de homem dominador e mulher dominada.

“Eu disse que não era por ser passivo que era menos homem do que ele e ele concordou e nunca me tratou como se fosse machista, como se estivesse abaixo dele” masculino, Príncipe Real.

Com efeito, este depoimento incorpora, pela formulação negativa, que se consideraria espectável que o macho ativo fosse quem detivesse o “poder” na relação. Também o depoimento seguinte sugere uma correspondência entre as práticas sexuais e a construção de papéis organizados numa escala de poder.

“Mesmo sendo passivo, gosto que me chupem a pila” masculino, Príncipe Real.

O que se subentende daqui é que tipicamente quem executa um felácio é um “passivo/dominado” (ou uma mulher), e quem o recebe é um “ativo/dominador” (ou um homem).

2.3 - Promiscuidade e Prestígio

Na reflexão inicial desta dissertação equacionaram-se os limites de indicadores que ilustrem uma evolução diacrónica da liberdade sexual, levantando reservas nomeadamente quanto às conclusões que se podem retirar a partir das transformações no sexo antes do casamento. O facto é que na atualidade a conjugalidade se complexificou e o casamento enquanto contrato social perdeu a hegemonia do passado (Torres, 2001). Não cabe aqui aprofundar as grandes transformações que diversificaram os arranjos de conjugalidade e coabitação. No entanto, independentemente dos contornos jurídico-legais, ou dos termos acordados tacito-implicitamente pelas partes, procuramos nesta pesquisa compreender se existem condições percecionadas como essenciais para compromissos mais ou menos estáveis baseados nos afetos e na partilha de intimidade.

Numa primeira análise, que consideramos que valeria a pena aprofundar no futuro, aquilo que esta reflexão sugere é que as condições de interpretação do perfil sexual individual e

do prestígio social que lhe está associado não se resume a apenas um indicador, mas talvez a um índice que inclua múltiplas variáveis, entre as quais, o número de parceiros, o sexo dentro ou fora de relações estáveis, a idade da primeira relação ou os comportamentos considerados atípicos ou transgressores (e.g. sexo com múltiplos parceiros em simultâneo). Por isso, as questões colocadas procuraram captar o posicionamento dos entrevistados através do discurso relativo a questões da sexualidade concretas ou hipotéticas. No essencial, aquilo que se procurou foi encontrar indícios de categorização depreciativa baseada na conduta sexual (*slutt-shaming*).

2.3.1 - O corpo e o espírito e a construção de uma imagem

Efetivamente, nenhum dos entrevistados revelou, de forma clara ou sub-reptícia, um posicionamento crítico relativamente às práticas sexuais de homens ou de mulheres não enquadradas no casamento ou noutras relações de conjugalidade estáveis. Se dúvidas houvesse, isso parece confirmar que esta conquista face a um passado pouco distante se encontra sedimentada. Porém, outros julgamentos morais assertivos surgiram a propósito de diversas práticas e condutas.

Na separação entre o campo dos afetos e da sexualidade o discurso dos entrevistados sugere claramente uma subalternização do corpo e do sexo face ao espírito e aos traços de carácter.

“As pessoas devem-se aproximar de nós pelo nosso interior e não pelo nosso físico” feminino, Beja.

“Eu nunca me envolvo com uma pessoa se não tiver expectativa de ter alguma coisa emocional com ele” feminino, Príncipe Real.

Quando pergunto porquê, reagem com surpresa, como se a resposta fosse óbvia. Mas o facto é que têm dificuldade em encontrar os argumentos. A explicação que finalmente acabam por encontrar é que com o passar dos anos a personalidade se mantém e a aparência física se desvanece. Quando em tom provocatório, pergunto se mais depressa “adicionam” nas redes sociais pessoas bonitas e atraentes ou inteligentes e sensíveis, uma gargalhada coletiva expõe sem, mais respostas, a fragilidade da retórica. Ainda sobre os critérios para “adicionar” amigos nas redes sociais, quando se perguntou se adicionavam pessoas apenas por serem atraentes, uma única entrevistada reconheceu que o fazia. No entanto, foram vários os entrevistados que

desmentiram os amigos que negaram fazer isso. Nesta pequena “mentira” materializa-se a duplicidade de discursos e condutas em contextos distintos.

As redes sociais parecem constitui-se assim como uma janela aberta para a intimidade e como tal prestam-se a julgamentos categóricos.

“Aquilo (o *Facebook*) não é um talho... nós atingimos um patamar de nível de exposição de tal ordem que é chocante” masculino, FDL.

”Tudo o que mete *lingerie*, o *Facebook* está cheio, ainda mais quando é em terras pequenas, acaba sempre por condenar mais” masculino, Vendas Novas.

“(se um dia tiver uma filha) vai ser ensinada a ter princípios, e que isso (partilhar fotos *sexy* nas redes sociais) não é uma coisa correta” feminino, ISPA.

“Uma coisa é ser *sexy*, outra coisa é ser oferecida. As *mamas* à mostra no *Facebook* é ser oferecida” feminino, ISPA.

A construção de uma imagem pública associada à perceção da sexualidade, embora sem relação direta com a vida sexual tem um palco privilegiado nas redes. A atitude das pessoas, não apenas presencialmente, mas sobretudo na construção de uma “*persona virtual*” está na origem de uma codificação específica nesta arena. Esta dimensão ilustra bem uma questão central desta problemática: sendo a sexualidade uma dimensão da vida humana, que é por excelência vivida em privado, o impacto social de vivências sexuais díspares têm pouco relevo quando comparado com a perceção que temos da forma como os outros a vivem. Matizado nestes pressupostos, surgem inclusivamente vindos de entrevistadas do sexo feminino argumentos culpabilizantes das vítimas de eventuais assédios.

“Uma mulher sai à rua com uma grande minissaia e um grande decote, isso para mim é provocante, está a pedir que algum lhe diga alguma coisa e depois fica ofendida, mas ela sabe que está a provocar” feminino, Beja.

“Cada vez mais as raparigas estão em decadência, vamos à discoteca e vemos muito mais raparigas perdidas de bêbedas, raparigas a fazer figuras com minissaias, quase sem roupa... é completamente falta de

respeito com elas próprias, elas não se respeitam ao fazerem isso” masculino, Santarém.

Mesmo se não cabe aqui essa discussão, é interessante que pareça haver uma certa circularidade entre uma imagem construída para corresponder a uma identidade idealizada e virtual e a imagem real. O argumento que aqui exploramos é que sendo potencialmente diferentes, são ambas verdadeiras.

2.3.2 - Quantos são demais?

Como era previsível, não apenas a quantidade, mas a aparência de maior ou menor seletividade na escolha de parceiros sexuais e o facto de estas poderem ocorrer fora de relações amorosas, conduz a leituras valorativas que dão ou retiram prestígio.

O substantivo “respeito” é neste discurso recorrentemente utilizado como categoria auto referenciada e tautologicamente definida.

“Dez (parceiros sexuais) já era muito para a nossa idade...” feminino, Santarém.

“Uma coisa é um caso ou outro, outra é mil e quinhentos, isso dá-me nojo, nojenta autêntica...” feminino, Santarém.

“Acho que temos de nos dar ao respeito e que parecemos objetos sexuais a partir do momento em que nos damos a toda a gente” feminino, FDL.

Neste tipo de análise sobressai sem dificuldade um tratamento diferenciado para homens e para mulheres. Aquilo que os entrevistados (de ambos os sexos) revelam ser a prática comum, e que na sua esmagadora maioria também aderem, é a inequívoca lógica do duplo padrão sexual.

“Ter um rapaz por noite ou por semana vá... aí é mesmo vadia. Se for um rapaz que tem uma todas as noites é o maior” feminino, Beja.

O corpo permanece como um objeto sagrado que recomenda controlo no acesso a terceiros. Os depoimentos sugerem, no entanto, um dado interessante: não há necessariamente uma opinião consensual, ou sequer próxima disso, do número de parceiros sexuais que é

socialmente aceitável que uma mulher de determinada idade possa ter tido (nos homens isso nem se equaciona), sem que seja merecedora de um epíteto insultuoso. No entanto, o sentimento generalizado é que há limites aceitáveis.

Curiosamente entre os entrevistados do Príncipe Real, que enquanto grupo revelaram nos seus depoimentos e sem qualquer reserva terem uma vida sexual muito mais diversificada que a dos restantes entrevistados, essa dimensão continua a estar presente. Mesmo revelando não saberem sequer quantos parceiros sexuais já tiveram, sabem quando alguém tem parceiros “demais”.

“Se eu for a dizer que já fiz “grupetas” de sete pessoas, só por aí se formos a juntar...” masculino, Príncipe Real

“Eu quando sei que um gajo andou com imensos gajos... perde... deixa de ser tão atraente” masculino, Príncipe Real

Procurou-se ainda interpelar os entrevistados com o simétrico masculino de “ser oferecida” fazendo-se inclusivamente o pouco original exercício de pedir adjetivos que qualifiquem mulheres com vidas sexuais entendidas como promíscuas. No final de uma longa lista de sinónimos mais ou menos vernaculares (porca, cabra, vadia, badalhoca, oferecida, rameira e muitos outros), pedia-se então o mesmo para os homens. Inevitavelmente instalava-se o silêncio ou surgia apenas alguma sugestão pouco convincente (cabrão). No entanto, quando confrontados com este quadro diferenciado os entrevistados revelaram sistematicamente incapacidade para perspetivar uma explicação ou para se distanciarem deste quadro normativo.

A este propósito é interessante sublinhar que no discurso surge recorrentemente uma dissociação entre aquilo que parece ser um plano de análise racional e objetivo e de um julgamento moral e emotivo. Como se houvesse uma força exterior aos próprios (a estrutura?) que os impele a fazer e a defender práticas e valores contraditórios.

“Eu acho que ela tem todo o direito de fazer o que lhe apetece, mas moralmente julgo” masculino, FDL.

“As pessoas que são oferecidas, não faltam só ao respeito ao parceiro, mas também a elas próprias, é a minha opinião, mas se ela é feliz, a gente não pode fazer nada” masculino, Santarém.

Uma das hipóteses que foi difícil de testar pelo facto das questões causarem nervosismo e inibições, foi a de perceber o que é que as práticas sexuais menos convencionais, ou até

consideradas potencialmente transgressivas, relevam sobre quem as pratica. É interessante que a quase ausência de respostas sempre que se fez uma aproximação a estas questões sugere que esta relutância pode traduzir ela própria uma medida do peso dos julgamentos morais associados a sexualidades mais abertas e experimentais.

Um exemplo onde ainda assim foi possível obter resposta resulta dos comentários relativos a uma situação hipotética onde uma jovem mulher teria tido sexo com dois homens em simultâneo.

“Se (uma rapariga) estiver com dois rapazes ao mesmo tempo, para mim fica logo marcada” masculino, Santarém.

A codificação das mulheres num eixo moral onde num extremo está a virtude das mulheres castas e discretas e do outro está a devassidão das promiscuas, levanta também algumas contradições. O discurso dominante é que tanto as “raparigas sérias” como as “porcas”, “vadias” ou “badalhocas” (usando os adjetivos recorrentemente utilizados pelos entrevistados), têm o seu papel a cumprir.

“Para um relacionamento sério, preferia uma, não era por ser virgem, mas se calhar uma pessoa que tivesse menos fama... para eu ter confiança numa pessoa, se calhar eu tinha uma que tivesse tido menos pessoas antes de me ter a mim... se calhar para uma noite, escolhia a outra” masculino, Vendas Novas.

“Se for para uma coisa passageira, venha a MILF²” masculino, ISPA.

A ideia subjacente a estes depoimentos é que exigem requisitos distintos para uma mulher para um “relacionamento sério” ou para uma “coisa passageira”. A primeira não tem de ser virgem (embora vários entrevistados apontem isso como uma vantagem) mas convém que tenha pouca experiência e seja “pouco rodada”. Já para uma aventura sexual, o inverso é uma vantagem.

Mais uma vez, quando confrontados os entrevistados com os paradoxos destas respostas as vozes silenciam-se. Particularmente quando se questiona porque não optar por um relacionamento sério com uma mulher experiente, se for sexualmente mais interessante. Os

² MILF é um acrónimo proveniente do Inglês “*Mother I'd Like to Fuck*” utilizado tipicamente num contexto sexual e pornográfico para descrever mulheres mais velhas, experientes e sexualmente atraentes.

rostos revelaram, nestes casos, uma aparente perplexidade com a interpelação. Como se a questão fosse absolutamente ingénuo face a um esquema cognitivo sólido.

2.3.3 - Exclusividade e traição

Um pouco à semelhança daquilo que vimos a propósito do número de parceiros, a traição, como contraponto à exclusividade sexual normativa, não tendo uma definição consensual, constitui uma conduta unanimemente sancionada.

“...se eu tenho uma namorada e ela sente desejo de estar com outra pessoa, isso para mim já é traição...” masculino, Santarém.

“Eu digo que é traição quando as pessoas beijam-se ou relacionam-se sexualmente” feminino, Santarém.

“a traição começa a partir do momento em que os valores principais de uma relação são quebrados: a honestidade, a confiança, a cumplicidade entre os dois. A partir desse momento acho que é traição.” masculino, Santarém.

Uma outra questão abordada nas entrevistas foi se em teoria seria “mais grave” uma traição estritamente física ou estritamente emocional. Curiosamente as reações foram consistentemente mais viscerais e de repúdio a “traições” consumadas fisicamente, o que em certa medida parece contrariar a ideia de subalternização do corpo face ao espírito ou ao intelecto.

“é errado trair uma pessoa só porque se sente uma atracção” feminino, Santarém.

“Traição é traição e não tem desculpa” masculino Vendas Novas.

Vale a pena referir ainda que da análise dos depoimentos se possa em boa medida inferir que a construção de relações amorosas de perfil diverso se faça mais à custa do fechamento para o exterior do que propriamente pela natureza e intensidade das relações dos seus protagonistas.

“se ele tem outras para que é que precisa de mim?” feminino, Santarém.

“Se ele quer estar com outras pessoas não existe um namoro, existe uma amizade” feminino, Santarém.

Os entrevistados do Príncipe Real revelam na sua generalidade maior flexibilidade nos seus arranjos sexuais, fazendo referências várias a configurações sexuais mais complexas do que as limitadas a dois elementos de um casal.

“Uma relação homossexual não se consegue manter se não se meterem outros parceiros sexuais ao barulho” masculino, Príncipe Real.

”Eu conheço muitos casais mais velhos, de 30 para cima, e muitos deles (é verdade que são de um meio mais fora, que sai muito à noite) mas esses mais velhos, chegam a uma conclusão, que numa relação, cinco anos depois é o mesmo prato todas as noites e então precisam de variar e conheço casais em que um fode com outro e depois nem sequer conta, ou conta e assim, mas depois também conheço casais... tive com um casal, eles dois gostaram de mim e levaram-me... e foram queridos e até dormimos em conchinha os três...” masculino, Príncipe Real.

No entanto, esta abertura não exclui para este grupo de entrevistados a existência de pressupostos de fidelidade ou de outros compromissos de regulação das relações.

“Eu não me sentia bem a ver a pessoa com quem eu estou na cama regularmente a ter sexo com outra pessoa” masculino, Príncipe Real.

“Na minha ideia não é dizer assim: tu comes os que tu quiseres e eu como os que eu quiser. Não, isso eu não acredito. Se é para comer, comemos os dois ao mesmo tempo, ou tipo em grupos, ou tipo em orgias, ou em festas, ou em saunas” masculino, Príncipe Real.

Procurou-se ainda aprofundar o sentido atribuído à “traição” e à violação do pressuposto da exclusividade sexual nas relações, que se articula por contraponto com a vivência de uma sexualidade mais liberal e experimental. Um dos argumentos invocados para preferir namorar com parceiros menos experientes foi o facto dos entrevistados considerarem que seria mais provável os indivíduos com mais parceiros sexuais não se contentarem para o futuro com apenas um. Mesmo fazendo notar a eventual validade do argumento contrário (não seria mais

provável alguém com pouca experiência sentir o desejo de a alargar do que alguém que já o tivesse feito previamente?) os entrevistados na sua maioria, apesar de reconhecerem a lógica desta premissa preferiram manter a sua posição inicial. Esta questão levanta a possibilidade da trajetória sexual individual não ser determinante apenas na definição de padrão para o futuro, mas de traduzir um património acumulado de prestígio (ou falta dele) que pode contribuir para uma avaliação depreciativa dos indivíduos em geral, e das mulheres em particular. Na língua inglesa há um ditado que sintetiza bem esta ideia: “*once a cheater, always a cheater*” que poderíamos traduzir para “uma vez traidor, traidor para sempre”.

O principal argumento para justificar a gravidade da traição prende-se no entanto com a percepção de que não é possível desejar e/ou amar mais do que uma pessoa simultaneamente e portanto o interesse por terceiros revelaria o desinteresse pelo parceiro da relação.

“...a disponibilidade que se mostra para com a segunda pessoa mostra um desinteresse ou um desapego para com a primeira pessoa...”
feminino, FDL.

“...uma pessoa quando está atraída por outra praticamente deliga-se de tudo o que está à volta...” masculino, Santarém.

“A partir do momento em que uma pessoa diz que “eu gosto muito de ti, és o meu mundo mas eu quero estar com outras pessoas” a partir daí morreu, morreu mesmo, não há outra maneira de dizer” feminino, Santarém.

Se estes sentimentos expressos nos depoimentos parecem absolutamente inabaláveis, é credível que a inflexibilidade, a certeza e a convicção irredutível sejam também uma característica potenciada pelo grupo etário a que pertencem os entrevistados.

CAPÍTULO III - O SENTIDO E A INTENSIDADE

3.1 - Desigualdades ou diferenças?

Analisando retrospectivamente as questões abordadas nesta dissertação constata-se que, por vários motivos, a operacionalização das variáveis estudadas se reveste de particular complexidade. O ponto de partida para este trabalho convoca desde logo a dúvida sobre o que distingue as desigualdades sociais de simples diferenças objetivas e factuais.

Num texto de 2005, Therborn avança a possibilidade das desigualdades serem essencialmente “diferenças que consideramos injustas” (Therborn, 2005: 5). Curiosamente, o mesmo autor num livro posterior vai, como já vimos, a propósito das desigualdades de género, citar o ensaio “*The Subjection of Women*” onde John Stuart Mill defende que a naturalização das diferenças de género mascara as desigualdades tornando-as por isso invisíveis. Esta é também uma ideia central da proposta que Bourdieu fará um século mais tarde num dos seus últimos livros, que também já citámos, “*A Dominação Masculina*” (Bourdieu, 2013).

Estes argumentos podem parecer um pouco contraditórios, mas talvez não o sejam: aquilo que se está a sugerir é que a ideia de “desigualdade” pressupõe um juízo valorativo em que as diferenças são analisadas tendo em conta um balanço de ganhos e perdas. Inversamente as “diferenças” constituem-se como “neutras”. Na verdade, a nossa hipótese de trabalho e que os dados vierem pelo menos parcialmente suportar, era que o género se constrói recursivamente numa dinâmica de poder onde há dominadores e dominados. Os indicadores ilustram inequivocamente um regime de género que no sistema binário distribui assimetricamente poder. No entanto, parece haver uma dissociação entre estes e a perceção subjetiva da existência de injustiças. A ser assim, ironicamente apesar do sistema de género ser objetivamente injusto, pode não ser percebido como tal e nesse caso, do ponto de vista teórico, estamos a falar de diferenças e não de desigualdades.

Este dilema sobre a natureza absoluta ou relacional das desigualdades está por sua vez ancorado na não menos complexa questão do binarismo de género. Serão as diferenças entre os seres humanos de sexos diferentes estritamente anatómicas e fisiológicas ou implicam esquemas cognitivos diferenciados? São os papéis de género uma construção social ou uma consequência “natural” das tais diferenças fisiológicas? Nesta pesquisa não procuramos, pelo menos numa perspectiva positivista, responder a estas perguntas. Procuramos sim reunir pistas sobre o discurso relativo a estas questões e a partir daí pensar o contributo da esfera da sexualidade na construção de um *regime de género*. Aliás, a análise do discurso pressupõe dois níveis distintos: o das práticas e o dos valores. Estes nem sempre se revelaram coincidentes e a diferença entre ambos nem sempre foi no mesmo sentido. Se nuns casos os entrevistados revelaram, por

exemplo, no plano das ideias um discurso igualitário mas nos comportamentos práticas discriminatórias, noutros casos observou-se o inverso.

Analisando o conjunto de dados recolhidos, sobressai por detrás das diferenças na forma, uma regularidade consistente no conteúdo dos discursos. A intensidade dos depoimentos discriminatórios ou a solidez do edifício normativo variou dentro de intervalos bastante estreitos e mesmo não tendo havido qualquer tentativa de produzir uma tipologia de perfis de resposta, arriscaríamos dizer que no conjunto dos 59 entrevistados, apenas uma entrevistada do sexo feminino revelou consistentemente um posicionamento em contraciclo com os restantes. Estamos a falar de uma feminista.

3.1.1 - Das mulheres e dos homens

Uma das condições ou premissas axiomáticas que considerámos necessárias para verificar que o duplo padrão sexual está presente nos discursos, valores e práticas dos jovens entrevistados foi que para eles “os indivíduos se dividem em dois grupos: homens e mulheres”. Naturalmente que não estamos a falar de uma divisão biológica, mas sim de grupos sociais autónomos com um acervo de significados específicos e que se interligam em relações de poder.

Embora o objeto desta pesquisa se circunscrevesse à esfera da sexualidade, foi feito um esforço de contextualização para perceber se os valores e práticas que operam neste campo são específicos ou se, pelo contrário, fazem parte de um quadro mais abrangente. Por isso, mesmo nas entrevistas foram abordadas também questões relacionadas com a divisão do trabalho doméstico, as relações familiares e o mercado de trabalho.

Tendo em conta a idade dos entrevistados, os contextos familiares remeteram quase exclusivamente para a experiência destes com os seus pais e irmãos com quem coabitam ou coabitaram até há pouco tempo. Há portanto muitas referências a práticas e valores que não são necessariamente os correspondentes a esta coorte geracional, mas eventualmente à que a precede. Em todo o caso, procurou-se aproveitar as descrições das realidades vivenciadas pelos jovens nos contextos de interação com pais e avós, para refletir, não apenas sobre os factos descritos, mas sobre a existência de um posicionamento reflexivo e crítico face aos mesmos³. Em retrospectiva, quando se analisa a esfera pública e a esfera privada e quando dentro desta última se olha com mais atenção para a sexualidade, encontram-se mesmo por detrás de infinitas contradições e ambiguidades algumas regularidades que nos parecem sólidas e inequívocas.

Dos discursos analisados emerge claramente a ideia de que os homens e as mulheres são “naturalmente” diferentes. Num segundo plano surge o reconhecimento de que as diferenças podem até, em grande medida, ser socialmente construídas mas isso não as torna menos efetivas

³ Perante um depoimento dizendo por exemplo: “lá em casa é sempre a minha mãe que cozinha e trata da roupa” procurou-se analisar criticamente o que é que os entrevistados pensavam disso.

ou indesejáveis. Não foi possível detetar diferenças consistentes num sistema binário de género em função do sexo dos entrevistados. Homens e mulheres constituem-se como grupos sociais distintos a que correspondem papéis e expectativas diferentes em casa, na família, no trabalho e na sexualidade. Neste último campo, é claro que um dos grupos (o dos homens) tem muito maior latitude de atuação. Na verdade nem se podem comparar os limites do intervalo de liberdade dentro de um paradigma de prestígio socialmente instituído porque se no caso das mulheres as práticas e valores codificados como legítimos estão claramente balizados, para os homens esse é um “não assunto”.

A resposta à pergunta sobre se do conjunto das entrevistas sobressai uma segregação que materializa um sistema de género binário é um inequívoco sim.

3.1.2 - Dos heterossexuais e dos outros

A segunda condição que enunciamos para que o duplo padrão sexual se verificasse era a de que “as relações românticas e sexuais estabelecem-se com pessoas do sexo oposto”. A ideia subjacente a esta premissa prende-se naturalmente coma correlação que se estabelece entre masculinidade hegemónica e heteronormatividade (Aboim, 2010: 44). A identidade masculina constrói-se recursivamente enquanto “sujeito” à custa da dominação do “objeto” feminino. Por outro lado, através das entrevistas a pessoas que têm relações com pessoas do mesmo sexo, podia-se simultaneamente isolar a variável do dimorfismo sexual e por isso mesmo encontrar uma correspondência entre uma hierarquia de poder não em função do género, mas da condição de ativo e passivo.

Com efeito, embora tenha sido relativamente reduzido o número de entrevistados que se auto-referenciam como *gays* ou homossexuais, os seus depoimentos evidenciam não apenas a incorporação de estereótipos de género, como lhes fazem corresponder simétricos simbólicos no âmbito das relações entre pessoas do mesmo sexo.

Por outro lado, a heteronormatividade sobressai recorrentemente do discurso dos entrevistados heterossexuais através de comentários homofóbicos mais ou menos subtis. Aliás, é feito pelos próprios entrevistados um paralelo entre as perdas de prestígio social das mulheres promiscuas e os homens homossexuais, reforçando a ideia de que há uma constante no pressuposto que os homens “contaminam”, mas não são “contaminados” pelo sexo.

Finalmente, os entrevistados homossexuais revelaram formas relativamente sofisticadas de adequação da sua conduta a contextos específicos, ilustrando bem a necessidade de adequação a contextos hostis ou inversamente a campos onde essa perceção é socialmente aceite. Aquilo que esta adequação ilustra não um mecanismo exclusivo dos homossexuais. A generalidade dos entrevistados revelou envergar posturas distintas no que concerne à sexualidade e ao género em função de estar, por exemplo, apenas entre pessoas do seu sexo ou

do sexo oposto. Esta necessidade de adequação, que inclusivamente terá condicionado a recolha dos dados empíricos deste trabalho, ilustra nitidamente a prevalência de um modelo de duplo padrão.

3.1.3 – Dos fiéis, dos exclusivos e dos outros

A terceira e última condição para a materialização do duplo padrão sexual é que “as relações românticas e sexuais formais são exclusivas”. Sendo a sexualidade tipicamente vivida em privado, cedo percebemos que a variável chave para descodificar o eventual peso das práticas sexuais nos ganhos e perdas de prestígio social não são os comportamentos, mas sim a imagem e a forma como os outros percecionam (com ou sem a conivência do próprio) a vida sexual de cada pessoa. Na prática aquilo que estamos a dizer acaba por ser uma metáfora pós-moderna: aquilo que não sabemos não existe e aquilo que tomamos como certo existe independentemente da sua materialização concreta.

Uma variável que, no decurso das entrevistas, acabou por ganhar mais peso do que tínhamos inicialmente antecipado foi o papel das redes sociais na fabricação de uma *persona* cujo perfil pode depois corresponder (ou não) ao perfil da pessoa fora das redes sociais. No entanto, independentemente desta eventual dissonância, os mecanismos que dão ou retiram prestígio social são os mesmos nas redes sociais ou na “vida real”.

De uma forma geral, aquilo que os depoimentos ilustram é que “não há nada de errado em ter sexo fora de uma relação formal desde que “não seja demasiado” e/ou “que não se seja do sexo feminino”. Tendo em conta o perfil da maioria dos entrevistados, a sua experiência relacional remetia quase exclusivamente para contextos de namoro. No entanto, o namoro é percecionado pela generalidade dos entrevistados como uma configuração relacional que constitui, se não uma antecâmara, pelo menos um ensaio para um modelo de conjugalidade mais ou menos tradicional. Por isso, valerá a pena equacionar de forma abreviada o significado das transformações recentes na conjugalidade e as suas ramificações e implicações na análise do duplo padrão sexual.

O processo de nuclearização e sentimentalização operado nas famílias ocidentais a partir de finais do século XIX, e a tendência de valorização do companheirismo na construção das relações amorosas por oposição à coação das instituições (Kellerhals, 1989), tem sido acompanhado por uma crescente liberdade sexual (Giddens, 1997). Esta erosão dos quadros normativos rígidos a que alude Giddens e o surgimento do amor enquanto único motivo legítimo de escolha de companheiro (Luhmann, 1991) contribuem para diluir a força dos laços socialmente impostos e para reforçar a noção de estabilização “a partir de recursos puramente pessoais” (Luhmann, 1991). No fundo, a transição para um modelo de conjugalidade fusional centrado na cumplicidade e no amor (Torres, 2002), ao invés de diluir os requisitos de

exclusividade e castidade, acentuo-os e vincou o estigma das práticas categorizadas como promiscuas. Ironicamente, se a conjugalidade e o casamento contemporâneos se caracterizam pelo “amor-confluyente” ou “amor-construção” (Torres, 2004), então parece verosímil a hipótese de que o sexo fora das relações corresponde precisamente a uma tentativa para recuperar o ideal do amor-paixão ou do amor-romântico.

O que esta hipótese nos sugere é que de facto, apesar das transformações na conjugalidade e na sexualidade irem no sentido de aumentar a autonomia e liberdade dos agentes, talvez não seja possível estabelecer uma correspondência linear entre ambas. No quadro de arranjos conjugais mais flexíveis (onde por exemplo o divórcio está socialmente bem aceite) mas no paradigma das relações exclusivas, é possível aumentar o estigma social das relações extra-conjugais. Neste trabalho não fizemos qualquer análise diacrónica pelo que esta é apenas uma hipótese para ilustrar que é possível haver, simultaneamente, uma flexibilização dos arranjos conjugais, o aumento da liberdade sexual e o agravamento da estigmatização das práticas ditas adúlteras.

3.2 - A materialização do duplo padrão e a ordem de género

Verificadas que foram as três condições que enunciamos para a construção do indicador compósito “Duplo Padrão sexual” – a saber: os indivíduos se dividem em dois grupos: homens e mulheres; as relações românticas e sexuais estabelecem-se com pessoas do sexo oposto; as relações românticas e sexuais formais são exclusivas -, estamos pois em condições de tentar responder à pergunta que motivou esta pesquisa: o duplo padrão sexual e a masculinidade hegemónica são incorporados de forma idêntica por jovens de sexo diferente e independentemente da sua “orientação sexual”?

Apesar de haver diferenças entre os entrevistados e entre os grupos, e talvez até diferenças nos esquemas cognitivos que emergem com padrões específicos nos entrevistados do sexo masculino e do sexo feminino, ou entre heterossexuais e homossexuais, aquilo que a análise do discurso sugere é que surge consistentemente no discurso uma avaliação discrepante de práticas tendo em conta o género do sujeito que as pratica. Estas diferenças remetem simultaneamente para as práticas (aquilo que os entrevistados fazem ou vêm fazer à sua volta) e para os valores (aquilo que consideram estar certo). Como fomos dizendo, estes dois planos nem sempre são coincidentes, mas as inconsistências, desajustes e contradições no discurso parecem apenas servir para sublinhar, através da adequação a contextos específicos, a força do duplo padrão. A resposta sintetizada à pergunta seria por isso: “Sim, os jovens de sexo diferente e independentemente da sua orientação sexual incorporam no seu discurso de forma inequívoca os duplo padrão sexual”.

No ponto anterior respondemos já, pelo menos parcialmente, à segunda questão: constroem os jovens identidades polifacetadas, ou até contraditórias, resultantes do conflito entre os ideais de igualdade e os preconceitos de assimetria de género?

O duplo padrão não emerge de forma categórica, e ainda que às vezes o seja, nem sempre é assumido por quem o incorpora no seu discurso. Ou seja, embora ele tenha estado presente no discurso da quase totalidade dos entrevistados, apenas alguns defenderam abertamente que homens e mulheres são diferentes, que o “normal” é as pessoas serem heterossexuais, que o correto é as pessoas serem fiéis e que não faz mal (até faz bem) os homens terem muitas mulheres, mas é repugnante uma mulher que teve muitos homens. O mais comum é surgirem no discurso versões mimetizadas deste guião. No entanto, nos depoimentos os entrevistados dão conta de que a adequação do discurso varia em função do contexto. Um exemplo várias vezes citado é que entre “gajos” não há a preocupação de minimizar o discurso misógino ou objetificante, e entre mulheres, também o discurso é diferente do que em grupos mistos onde procuram ser discretas relativamente às suas fantasias ou experiências sexuais. O interessante destes discursos poliédricos é que não parece haver um que seja necessariamente mais verdadeiro que os outros. A existir uma identidade única de cada indivíduo ou de cada grupo, ela eventualmente resulta da interpolação de várias facetas diferenciadas ou até contraditórias. A adequação das práticas e do discurso a contextos de interação específicos não é seguramente exclusiva do campo do género e da sexualidade, mas mesmo não tendo aqui reunido dados que permitam demonstrar isso, parece provável que a amplitude das contradições não encontre paralelo noutras áreas da socialização. Talvez isso se deva ao facto de estar precisamente a operar um processo de transição para um modelo mais aberto e liberal em que a velocidade das transformações cognitivas não acompanhou a do discurso institucional. Uma consequência disso mesmo talvez seja a mudança em curso dos modelos de legitimação da masculinidade (Aboim, 2010: 4).

Em Portugal, tal como na generalidade dos países do dito Mundo Ocidental, o discurso público atual é o da igualdade de género, do respeito pelos direitos humanos no concerne à orientação e à liberdade sexuais. No entanto, em privado a discriminação não desapareceu. Naturalmente que esta dissonância cria tenções contraditórias entre a manutenção do discurso politicamente correto e a necessidade de vincar estereótipos de género que constroem identidade dentro de grupos específicos.

3.3 - Questões e caminhos que se abrem

Se concluirmos que o campo da sexualidade é hoje uma arena determinante para produção e reprodução das assimetrias de género, é inevitável equacionar que caminhos podem contribuir senão para o desaparecimento, pelo menos para o esbatimento destas desigualdades?

Se numa relação assimétrica de género são os homens quem controla o poder, então de acordo com Connell (2005) uma transformação desta relação de forças obriga a que os homens encontrem motivos para prescindir deste monopólio. Esta autora sugere quatro ordens de razões ou “interesses relacionais” na defesa da igualdade de género: o desejo de acautelar direitos e garantias dos seus familiares do sexo feminino; preocupações com a saúde e mortalidade que historicamente desfavoreceram os homens; melhorias na qualidade de vida da comunidade por via da entrada das mulheres no mercado de trabalho; e finalmente, a única motivação de índole altruísta, relacionada com valores éticos e princípios políticos (Connell, 2005: 1813-1814).

Esta abordagem é bastante surpreendente por não considerar os argumentos do longo debate que já vinham de Tocqueville e Stuart Mill e que o livro “*The Spirit Level: Why More Equal Societies Almost Always Do Better*” (2009) de Wilkinson e Pickett, voltou a trazer para a ribalta sobre a forma como as desigualdades não penalizam apenas os que têm menos recursos e menos poder, mas toda a sociedade. Independentemente do rigor desta operacionalização do leque de eventuais motivações para defender sociedades igualitárias, o que vale a pena relevar é que este posicionamento epistemológico, sem corresponsabilizar as mulheres pela sua subjugação, entroniza os homens no seu papel de dominação. Em todo o caso, seja qual for o caminho, reconhecer que a igualdade de género continua a ser uma miragem parece um bom ponto de partida para um caminho no sentido de sociedades mais justas. Talvez não seja demais insistir nesta questão, já que comparativamente à amplitude e impacto desta dinâmica, o assunto parece relativamente sub-representado na produção académica.

O pequeno contributo que se procurou dar neste sentido deixa por ventura mais questões em aberto do que respostas e ironicamente uma das conclusões teóricas que se pode destilar no final coloca um pouco em causa a eficácia das escolhas metodológicas. Aquilo que esta pesquisa demonstrou foi que de facto é feita uma análise diferenciada e socialmente penalizadora para as mulheres da sua vida sexual. No entanto, apesar de ficar claro que os discursos e as práticas têm uma adaptabilidade plástica em função dos contextos de sociabilização no sentido de maximizar as conquistas de prestígio social, os dados recolhidos são omissos quanto à configuração destes processos. Inevitavelmente no decurso deste trabalho foi-se considerando que uma pesquisa mais abrangente poderia passar por exemplo metodologias mais próximas da Antropologia e com recurso a observação participante.

Importa também reconhecer que há dimensões com relevância analítica nos processos que procuramos descrever e que não puderam, por falta de dados, ser devidamente operacionalizadas. Dois exemplos são a “objetificação dos corpos” em geral e nas redes sociais em particular e o conceito de “traição”, que surge sempre como violação de um pressuposto de fidelidade e respeito com o qual parece construir significado de forma tautológica.

Temos a expectativa que estas questões possam ser abordadas em projetos futuros e que possam ajudar a desconstruir os mecanismos de produção e reprodução da assimetria de género.

BIBLIOGRAFIA

- Abercrombie, Nicholas, Stephen Hill e Brian S. Turner (2006), *Dictionary of Sociology*, Penguin Reference, London.
- Aboim, Sofia. (2010) *Plural Masculinities, The Remaking of the self in the Private Life*, Ashgate.
- Almazan, Vanessa A. (2015) “College students’ perceptions of slut-shaming discourse on campus”, *Research in Higher Education Journal* Volume 28, May 2015
- Almeida, João Ferreira de; Fernando Luís Machado; Luís Capucha & Anália Torres (1994) *Metodologia da Pesquisa Empírica* in *Introdução à Sociologia*, Universidade aberta.
- Amâncio, Lígia (1993) “Género: representações e identidades. Análise das representações do masculino e do feminino e sua articulação com as identidades”, *Sociologia, Problemas e práticas*, nº 14, Lisboa, CIES
- Amâncio, Lígia (1994) *Masculino e Feminino – a construção social da diferença*, Porto, Edições Afrontamento
- Beaud, Stéphane & Weber, Florence (2007) *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*, Petrópolis: Editora Vozes.
- Becker, Howard S. (2008) *Segredos e truques de pesquisa*, Rio de Janeiro, Zahar.
- Beasley, Chris (2005), “Modernist Emancipatory Feminism: Liberal Feminism – Wollstonecraft to Wolf”, *Gender & Sexuality: critical theories*, critical thinkers, London.
- Bourdieu, Pierre (1972) *Equisse d’une théorie de la pratique*. Genève: Liv. Droz.
- Bourdieu, P. (1986) “The forms of capital”. In J. Richardson (Ed.) *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education* (New York, Greenwood), 241-258.
- Bourdieu, Pierre (1992) “A génese dos conceitos de Habitus e de Campo” em Bourdieu, Pierre, *O poder simbólico*, Lisboa, Edições 70.
- Bourdieu, Pierre (2002) *Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos de etnologia Cabila*, Oeiras, Celta Editora.
- Bourdieu, Pierre (2013) *A Dominação Masculina*, Relógio D’Água.
- Butler, Judith (1993) *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of "Sex"*, Routledge, New York.
- Butler, Judith (1999) *Gender Trouble - Feminism and the Subversion of Identity*, Routledge, New York.
- Berger, Peter L. & Luckman, Thomas (1987) *A Construção Social da Realidade – Tratado de Sociologia do Conhecimento*, Vozes, Petrópolis.
- Burgess, Robert G (1997), *A pesquisa de terreno – uma introdução*, Oeiras, Celta Editora.
- Carvalho, Rita Maria Gaspar da Silva (2010), “Amores em (des)construção: práticas e representações de jovens sobre o amor e as relações amorosas”, Dissertação de Mestrado em Sociologia e Planeamento, ISCTE Instituto Universitário Lisboa, 2010
- Coelho, Lina (2013), “Mulheres e Desigualdades em Portugal: Conquistas, Obstáculos, Contradições e Ameaças”, em *Movimento Democrático das Mulheres* (org.), *Criar, Trabalhar, Valorizar- as mulheres contribuem para o desenvolvimento do país*. Lisboa: Movimento Democrático das Mulheres - MDM.

- Coenen-Huther, Jacques (1996) "Transition as a Topic for Sociological Analysis" em ISA, Regional Volumes "*Social Knowledge: Heritage, Challenges, Perspectives*", Volume 3, East-Central Europe: Building open Society and Perspectives of Sociology in East-Central Europe, Editor: Piotr Sztompka, Proceedings of the ISA Conference for East Central Europe Krakow, Poland, September 14-18.
- Christoffersen, Ashlee & Ania Ostrowska (2011) "Sex work and anti-porn feminism: in search of a sound feminist perspective on women's sexualities". Paper delivered at Pornified? Complicating debates about the sexualisation of culture: An international conference, Institute of Education, University of London.
- Connell, Raewyn (1987) "Gender Regimes and the Gender Order", *Gender & Power: society, the person and sexual politics*, Cambridge: Polity, 119-164.
- Connell, Raewyn (2005) "Change among the gatekeepers: men, masculinities, and gender equality in the global arena". *Signs*, vol. 30 no. 3, 1801-1825.
- Connell, Raewyn & James W. Messerschmidt (2005) "Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept", *Gender Society* 2005; 19; 829.
- Connell, Raewyn (2006) "Advancing gender reform in large-scale organizations: a new approach for practitioners and researchers". *Policy and Society*, vol. 24 no. 4, 5-24.
- Coser, Lewis A. (1956) *The Functions of Social Conflict*, Glencoe/Londres.
- Crawford, Mary & Danielle Popp (2003) "Sexual double standards: A review and methodological critique of two decades of research", *The Journal of Sex Research*, 40:1, 13-26.
- Delphy, Christine (1993) "Rethinking sex and gender", *Women's Studies Int. Forum*, Vol. 16, No. 1, pp. 1-9.
- Dex, Shirley; Jacqueline L. Scott; Anke Plagnol (2012) *Gendered Lives - Gender Inequalities in Production and Reproduction*, Edward Elgar Publishing.
- Donna, Haraway (1997) "Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective" em Linda McDowell, Joanne Sharp (eds). *Space, Gender, Knowledge: A Reader for Feminist Geographers*. Edward Arnold. London, July 1997, 480 pages.
- Elias, Norberto (1973), *La civilization des moeurs*, Paris, Calmann-Levi (citado por Torres, 2004)
- Engels, Friedrich (1984) *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- Fisher, Robert J. (1993) "Social Desirability Bias and the Validity of Indirect Questioning", *Journal of Consumer Research*, 20 (September), 303-315.
- Foucault, Michel (1966) *Les Mots et les Choses. Une archéologie des sciences humaines*, Gallimard.
- Foucault, Michel (1999) *História da Sexualidade – I A vontade de saber*, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque, Edições Graal, 152pp.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992), *O Inquérito – Teoria e Prática*, Oeiras, Celta.
- Giddens, Anthony (1994), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta
- Giddens, Anthony (1997), *Sociologia*, Lisboa, Serviços de educação – Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gill, Rosalind & Christina Scharff, eds. (2011) *New Femininities Postfeminism, Neoliberalism and Subjectivity*, Palgrave Macmillan, London.

- Greenwood, Jeremy & Nezih Guner (2010) "Social change: the Sexual Revolution", *International Economic Review*, November 2010, Vol. 51, No. 4
- Hakim, Catherine (2011) *Erotic Capital: The Power of Attraction in the Boardroom and the Bedroom*, Basic Books.
- Hald, Gert Martin (2006) "Gender Differences in Pornography Consumption among Young Heterosexual Danish Adults", *Arch Sex Behaviour* 35:577–585.
- Hartsock, Nancy (1989) "Postmodernism and Political Change: Issues for Feminist Theory", *Cultural Critique*, No. 14, The Construction of Gender and Modes of Social Division II (Winter, 1989-1990), pp. 15-33 Published by: University of Minnesota Press.
- Honneth, Axel, (1987) "Critical Theory" em Giddens, Anthony, Turner, Jonathan (eds.), *Social Theory Today*, Cambridge, Polity Press, pp. 347-380.
- Honneth, Axel. (1995), *The Struggle of Recognition - The Grammar of Social Conflicts*, Cambridge, Polity Press.
- Horkheimer, Max (2002) "Critical Theory" New York, The Continuum Publishing Company, , article originally published in *Zeitschrift für Sozialforschung*, 1937, pp. 245-292.
- Jonason, Peter K. & Michael J. Marks (2009) "Common vs. Uncommon Sexual Acts: Evidence for the Sexual Double Standard", *Sex Roles* 60:357–365.
- Kaeager, Derek A& Jeremy Staff (2009) "The Sexual Double Standard and Adolescent Peer Acceptance", *Social Psychology Quarterly*; Jun 2009; 72, 2; Social Science Module pg. 143.
- Kant, I. (1784) *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?* (Resposta à pergunta. O que é o Iluminismo?) tradução de Artur Mourão disponível disponível no site "LusoSofia" do Instituto de Filosofia Prática da Universidade da Beira Interior.
- Karney, B. R. & Bradbury, T. N. (1995), "The longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, method, and research", *Psychological Bulletin*, 118, 3-34.
- Kellerhals, Jean; Pierre-Yves Troutot e Emmanuel Lazega (1989) *Microsociologia da família*, Mem Martins, Publicações Europa-América.
- Kroløkke, C. & Anne Scott Sørensen. (2006). "Three waves of feminism: From suffragettes to grrls". In *Gender communication theories & analyses: From silence to performance*. (pp. 1-25). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.
- Kuhn, Thomas S. (1970) *The Structure of Scientific Revolutions*, The University of Chicago Press, Chicago.
- Lerner, Gerda (1979) *The Majority Finds its Past: Placing Women in History*, Oxford University Press, New York, p. 171.
- Levine, Donald N. (1974) "Georg Simmel on Individuality and Social Forms" *American Journal of Sociology*, Vol. 79, No. 6 (May, 1974), pp. 1519-1521.
- Liotzis, Evangelos (2014) "Discourses of Pornification: From Civil Society to "Porn Society"", *International Journal of Social Science and Humanities*, Vol. 2, Issue 1, pp: (1-9), January-March 2014.
- Lofland, John e Lyn H. Lofland (1995) *Analysing Social Settings. A Guide to Qualitative Observation and Analysis*, Belmont, California: Wadsworth Publishing Company.

- Lofland, John (2002) *Analytic Ethnography -Features, Failings, and Futures in The Qualitative Researcher's Companion*, SAGE Publications, Inc.
- Luhmann, Niklas (1991), *O amor como paixão : para a codificação da intimidade*, Lisboa, Difel.
- Marks, Michael J. & R. Chris Fraley (2006) "Confirmation Bias and the Sexual Double Standard", *Sex Roles*, Vol. 54, Nos. 1/2, January 2006.
- Marody, Mira (1997) "Post-Transitology or Is There Any Life After Transition?", *Polish Sociological Review*, No. 117, pp. 13-21.
- Mill, John Stuart (1997) *The Subjection of Women*, Dover Thrift Editions.
- Morin, S. E., & Garfinkle, E. M. (1978) "Male homophobia", *Journal of Social Issues*, 34, 29-47.
- Morgan, David L. (1996) "Focus Groups", *Annual Review of Sociology*, Vol. 22 pp. 129-152.
- OECD (2011) *An Overview of Growing Income Inequalities in OECD Countries: Main Findings*.
- Offen, Karen (1988) "Defining Feminism: A Comparative Historical Approach", *Signs*, Vol. 14, No. 1 (Autumn, 1988), pp. 119-157.
- Piaget, Jean (1970) *Structuralism*, Basic Books, New York.
- Popper, Karl (2005) *The Logic of Scientific Discovery*, the Taylor & Francis e-Library.
- Rabiee, Fatemeh (2004) "Focus-group interview and data analysis", *Proceedings of the Nutrition Society* 63, 655-660.
- Ringrose, Jessica. (2010) "Sluts, whores, fat slags and Playboy bunnies: Teen girls' negotiations of sexy' on social networking sites and at school", In C. Jackson, C. Paechter and E. Renold (eds.) *Girls and education 3 -16: Continuing concerns, new agendas*, Basingstoke: Open University Press.
- Ringrose, Jessica & Emma Renold (2012) "Slut-shaming, girl power and sexualisation': thinking through the politics of the international SlutWalks with teen girls", *Gender and Education*, 24:3, 333-343
- Rorty, Richard (1989) *Contingency, irony, and solidarity*, Cambridge University Press.
- Russell, Bertrand (1922) *Our Knowledge of the External World as a Field for Scientific Method in Philosophy*, George Allen & Unwin Ltd.
- Santos, Boaventura de Sousa (2000), "Da ciência moderna ao novo senso comum", em *A Crítica da Razão Indolente. Contra o Desperdício da Experiência*, Porto, Afrontamento.
- Santos, Filomena (1996), "Infidelidade conjugal - classe social e género", Tese de mestrado em Sociologia da Família, ISCTE, 1995.
- Sedas Nunes, Adérito (1972) "Materiais de uma experiência pedagógica: sobre o problema do conhecimento nas ciências sociais", *Análise Social*, Segunda Série, Vol. 9, No. 35/36, pp. 790-856
- Skaperdas, Stergios (2000) "Turning 'Citizens' into 'consumers: economic growth and the level of public discourse, Presented at the Villa Colombella Group conference on *the Binds of Democratic, Politics*, Parma, Italy, September 7-9, 2000.
- Sousa, Rita Mota (2015) *Introdução às Teorias Feministas do Direito*, Afrontamento.
- Silva, Isabel Soares et al (2014) "Focus group: Considerações teóricas e metodológicas", *Revista Lusófona de Educação*, 26, 175-190.
- Simmel, Georg (1971) *On Individuality and Social Forms*, University of Chicago Press.

- Stokes, Sara (2011) “Hot Stuff: The impact of media led sexualisation processes on autonomous female sexuality” Paper delivered at *Pornified? Complicating debates about the sexualisation of culture*, International conference, Institute of Education, University of London.
- Terri D. Conley, Ali Ziegler, Amy C. Moors, Jes L. Matsick, and Brandon Valentine (2013) “A Critical Examination of Popular Assumptions About the Benefits and Outcomes of Monogamous Relationships”, *Pers Soc Psychol Rev* May 17: 124-141.
- Therborn, Göran (2004) *Between Sex and Power: Family in the World, 1900-2000* Psychology Press, - Family & Relationships.
- Therborn, Göran (2006) “Meaning, Mechanisms, Patterns, and Forces: An Introduction” em Therborn, Göran (ed.): *Inequalities of the World*, London: Verso, 1-58.
- Torres, Anália (2001) *Sociologia do Casamento: a Família e a Questão Feminina*, Oeiras, Celta.
- Torres, Anália (2002) “Casamento: conversa a duas vozes e em três andamentos”, *Análise Social*, vol. XXXVII (163), 2002, 569-602.
- Torres, Anália (2004), "Amor e Ciências Sociais", *Revista Travessias - Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*, 4/5: 15 – 45.
- Vale de Almeida, Miguel (1996) “Gênero, masculinidade e poder. Revendo um caso do Sul de Portugal”, *Anuário Antropológico*, 95: 161-190.
- Vasconcelos, P. (2004). “Categorização, identidade e sexualidade: Notas sobre a dominação” em A. P. Marques (Ed.), *Formas Identitárias e Modernidade Tardia* (pp. 51–70). Braga: ICS-UM.
- Velho, Gilberto (1978) “Observando o Familiar” em Nunes, Edson de Oliveira – *A Aventura Sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar,.
- Velho, Gilberto e Karina Kushnir (orgs.) (2003) *Pesquisas Urbanas. Desafios do trabalho antropológico*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Vinken, Henk (1999) “Youth centrism and conservatism, The political value of resisting the adult world”, *Zeitschrift für Sozialisationsforschung und Erziehungssoziologie*, 1999, 19, 4, 405-420.
- Wharton, Amy S. (2005), “Introduction to the Sociology of Gender” em *The Sociology of Gender: An Introduction to Theory and Research*, Blackwel, Oxford.
- Wedgwood, Nikki (2009) “Connell's theory of masculinity - its origins and influences on the study of gender”, *Journal of Gender Studies*, 18: 4, 329 — 339.
- Whisnant, Rebecca & Karla Mantilla (2007) “Pornography and Pop Culture: Backlash and a Feminism that is Contrary to Feminism”, *Off Our Backs*, Vol. 37, No. 1 (2007), pp. 58-61
- Whitty, Monica Therese (2003), “Pushing the wrong buttons: Men's and women's attitudes toward online and offline infidelity”, *CyberPsychology & Behavior*. December 2003, 6(6): 569-579.
- Wittgenstein, Ludwig (1922) *Tractatus Logico-Philosophicus*, Kegan Paul, Trench, Trubner & co., ltd. London.
- Zaikman, Yuliana & Michael J. Marks (2014) “Ambivalent Sexism and the Sexual Double Standard”, *Sex Roles* 71:333–344

Curriculum Vitae

- **DADOS PESSOAIS:**



- **Nome:** Alexandre Martins Vaz
- **Data de Nascimento:** 20.02.1974; **Estado Civil:** Casado
- **Nacionalidade:** Portuguesa; **Naturalidade:** Lisboa
- **BI:** _____; **Contribuinte n.º:** _____
- **Carta de Condução Ligeiros n.º:** L-1588924 **Situação militar:** Apto na reserva territorial. **Carteira profissional de Jornalista n.º:** 6218
- **Residência:** _____ – 1000-048 Lisboa - Portugal
- **Telemóvel:** _____; **Tel. Residência:** _____
- **Correio eletrónico:** avazphoto@yahoo.com

- **Formação Superior:** Licenciatura em Sociologia pelo ISCTE – IUL com uma média de 16/20. Pós-graduação em Sociologia pelo ISCTE – IUL com uma média de 17/20.

- **Formação Académica e Complementar**

- 1994- 1995 | **Escola Secundária Rainha Dona Leonor + Externato Fernando Pessoa | Lisboa:** Conclusão do 12º Ano (via de ensino) 1º Curso: Matemática, Química, Biologia (+ Desenho: 18 Valores). Média final - 13 Valores

- **Habilitações Complementares**

2 Semestres de *Introdução ao Desenho* no Ar.Co.

3 Semestres de *Desenho de Modelo* no Ar.Co.

1 Semestre de *Gravura* no Ar.Co.

1 Semestre de *História de Arte* no Ar.Co.

Curso de escrita de argumento, storyboard e animatic para cinema de animação, ministrado pela Fundação Gulbenkian.

- **OUTROS CONHECIMENTOS**

LINGUAS:

- Inglês: oralidade e escrita boas.

- Francês: oralidade média, e escrita fraca.

- Espanhol (Castelhano): oralidade média, escrita fraca.

INFORMÁTICA:

- Bons conhecimentos, na perspetiva do utilizador, nomeadamente em aplicações de processamento de texto, folha de calculo, processamento e edição de imagem.

- **EXPERIÊNCIA ENQUANTO FOTÓGRAFO – JORNALISTA**

Vencedor da melhor imagem de 2009 na categoria "Travel and Culture" atribuído pela webzine <http://www.naturescapes.net/docs/>

Mentor e co-autor do projecto Ângulos Complementares cujo primeiro volume publicado pela EDIA em 2009 constitui um livro com fotografias de Natureza captadas no Parque de Natureza de Noudar.

Vencedor da categoria Reportagem no 4º Premio Visão de Fotojornalismo (2004) com um trabalho sobre Fogos Florestais.

Publicou os seus primeiros artigos e fotografias em revistas de grande tiragem (Forum Ambiente) durante a década de 90, mas foi durante o ano 2000 que abraçou a tempo inteiro o jornalismo. Desde então tem colaborado assiduamente, como jornalista free-lancer, com a imprensa nacional e estrangeira, publicando em jornais e revistas generalistas ou especializadas. Publicou entre outras no Expresso, Público, Diário de Notícias, na Grande Reportagem, El País, National Geographic Portugal, Forum Ambiente, Ambiente XXI e Super Pop, Dance Club, National Geographic Israel, Tree News,

Na Revista do Expresso, publicou por exemplo, com fotografias e textos da sua autoria:

Julho de 2002 - "Um Elevador à Justa" sobre o centenário deste elevador.

Agosto de 2002- "Olivença ou Olivenza?" sobre a disputa deste território.

Na National Geographic Portugal colaborou assiduamente desde 2002:

Abril de 2002- "Em Família" sobre os morcegos portugueses.

Setembro de 2002- "Quem Come os Nossos Anfíbios?" sobre lagostins introduzidos.

Entre muitas outras. Tem também publicado imagens em diversas revistas, livros, colecionáveis, relatórios técnicos, folhetos e brochuras e na internet, tendo sido de resto colaborador do portal www.naturlink.pt, onde publicou dezenas de fotografias e artigos.

Expôs individual ou colectivamente as suas fotografias na Biblioteca Municipal de Ovar, na Galeria Corrente de Arte em Lisboa, no Espaço Quadrante no Centro Cultural de Belém.

Cobriu em colaboração com a revista Cais e com a Lusa em 2005 (em Edimburgo) e em 2006 (Cape Town) o Homeless Soccer World Cup.

Fotografa regularmente para diversas instituições como a NOVIS, Caixa de Crédito Agrícola, Arena Lounge (Casino de Lisboa), Coca-Cola Portuguesa, LPM comunicação, Lisbon Communication Office.

Participou na mesa redonda "**Divulgação Científica, Uma Necessidade de Quem Investiga**" enquadrada na 1ª Semana de Ciências do Mar e Ambiente organizada pela Universidade do Algarve em 4 de Abril de 2003.

Ministrou um Workshop de Fotografia das **IX Jornadas de Biologia Aplicada** em 27 de Outubro de 2007.

Em Novembro de 2006 frequentou o workshop “Contar Histórias Através de Imagens” com Witold Krassowski.

Tem ministrado regularmente cursos de fotografia, promovidos por inúmeras instituições, como Liga Para a Protecção da Natureza, Liga dos Amigos do jardim Botânico, Universidade do Algarve e de Coimbra, entre outras.

● **OUTRAS ACTIVIDADES**

Fez, e continua esporadicamente a fazer, em articulação com o jornalismo, trabalhos vários na área das ciências biológicas, especificamente enquanto técnico de campo especializado em ornitologia. Colaborou em diversos programas de recenseamento e inventariação e anilhagem de aves tais como:

Participou em 2006-2007 no projecto de Monitorização da Biodiversidade na Envolvente do Sistema Alqueva - Pedrogão em 2006/07: Comunidades Faunísticas – Aves Invernantes, por contrato com a Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas de Alqueva.

Em 2002 e 2003 realizou censos de aves no âmbito do projecto “Variação geográfica na abundancia e na biologia reprodutora da rola [Streptopelia turtur (L.)]. Implicações para a gestão cinegética. Projecto” POCTI/BSE/41067/2001.

Na primavera de 2006, censos de aves em áreas de estudo a sul do tejo no ambito do projecto "Implementing an operational methodology for biodiversity monitoring in Portuguese forests", financiado pelo programa ForestFocus, da Comissão Europeia e que tem como parceiros a FCUNL, a UNL e o IAV.

Em 2005-2007. participou no Programa de monitorização da fauna e da flora no troço Monte Francisco – Odeleite do IC27, no âmbito de contrato com o Instituto de Estradas de Portugal.

Em 2003-2004 participou na Monitorização da Avifauna na Área de Regolfo do Açude de Pedrógão, em parceria com o Centro de Ecologia Aplicada "Prof. Baeta Neves", por subcontrato com a Unidade de Macroecologia e Conservação da Universidade de Évora;

Participou no “Programa de estudo e conservação da invernada do Grou-comum em Portugal”, desenvolvido pelo Instituto da Conservação da Natureza, sendo inclusivamente co-autor de diversos artigos apresentados no no “Third European Crane Workshop”, em Stralsund, Alemanha, em Outubro de 1996.

- *Crane capture attempts in Portugal: bait, food and no success;*
- *Time budget and daily activity of wintering Common Cranes *Grus grus* in Portugal: the effect of scarce food resources;*
- *Winter riverine roost site selection by the common Crane *Grus grus* in Portugal;*
- *Spatio-temporal distribution of the Common Crane *Grus grus* in a wintering site in Portugal;*
- *Fecal sample analysis in the study of the winter diet of Common Crane *Grus grus*.*

Participou, na preparação e realização de censos de aves florestais, no âmbito do projecto PAMAF 8151: "Ensaio metodológico para a identificação e monitorização de indicadores de biodiversidade em montados de sobre e azinho ao nível da unidade de gestão", como colaborador do Centro de Ecologia Aplicada "Prof. Baeta Neves" (CEABN) do Instituto Superior de Agronomia.

Realização de levantamentos quinzenais, durante um semestre, no âmbito do projecto da Universidade Nova de Lisboa a decorrer em Aljustrel "Monitorização das taxas de parasitismo oófago de *Avetianella longoi* em *Phoracantha semipunctata*".

Foi o responsável do CEABN pelos trabalhos de campo do Atlas de Aves Invernantes na Região de Alqueva, integrado nas medidas de compensação da barragem, no Inverno de 2002/2003.

Em 2006 realizou durante a Primavera e o Outono censos de aves no âmbito do Projecto Ripidurable (Interreg IIIC).

Foi ainda:

- Membro da redacção do Boletim da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves SPEA "Pardela" desde o nº 1 até ao nº 6, com a publicação de diversas notas e artigos.
- Membro da redacção da Folha Informativa da SPEA do N.º 5 ao N.º 15, com a publicação de diversas notas e artigos.
- Membro da comissão organizadora do simpósio "Métodos de censos e atlas de aves", organizado pela SPEA.
- Co-Organizador do "1º Concurso de Fotografia e de Ilustração Ornitológica", que decorreu em Vila Nova de Cerveira entre 2 e 3 de Novembro de 1996.
- Proponente, organizador e autor do grafismo do 1º Simpósio sobre Espécies Exóticas-Introduções, causas e consequências, no âmbito da LPN.

Durante algum tempo trabalhou como ilustrador, tendo sido autor da capa de alguns livros, e de ilustrações em livros, folhetos, brochuras, posters, t-shirts, etc.

Em 1993 foi caixa/empregado de balcão, na loja "tintim LISBOA" do C.C. Amoreiras
